

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

FERNANDO DA CUNHA FERRERAS

**A ASCENSÃO DA CHINA E A CRISE HEGEMÔNICA DOS ESTADOS UNIDOS NO
CENÁRIO ECONÔMICO MUNDIAL**

**FLORIANÓPOLIS
2009**

FERNANDO DA CUNHA FERRERAS

**A ASCENSÃO DA CHINA E A CRISE HEGEMÔNICA DOS ESTADOS UNIDOS NO
CENÁRIO ECONÔMICO MUNDIAL**

Monografia submetida ao curso de Ciências
Econômicas da Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito obrigatório para a
obtenção do grau de Bacharelado.

Orientador: Prof. Dr. Helton Ricardo Ouriques

FLORIANÓPOLIS
2009

FERNANDO DA CUNHA FERRERAS

A banca examinadora resolveu atribuir a nota 8,0 ao aluno Fernando da Cunha Ferreras na disciplina CNM 5420 – Monografia, do curso de Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina, pela apresentação deste trabalho.

Florianópolis, novembro de 2009.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Helton Ricardo Ouriques
Presidente

Prof. Dr. Jaime César Coelho
Membro

Prof. Msc. Lairton Marcelo Comerlatto
Membro

O futuro depende em grande parte da família, envolve o próprio futuro da sociedade, seu papel é muito especial para contribuir efetivamente para um futuro de paz.

João Paulo II

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer minha família por estar ao meu lado em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins, dando apoio e carinho. E dedico este estudo de conclusão de curso a meus pais.

Agradeço aos professores do curso pelos conhecimentos transmitidos ao longo desses anos, com dedicação e compromisso. Em especial ao meu orientador por ter despertado o interesse no tema e ao professor Pedro Vieira pela mini monografia que realizamos em sua disciplina, na sexta fase. Esse trabalho serviu como uma boa base e contribuiu muito em meu aprendizado.

Agradecimento mais que especial aos meus amigos de curso que desde a primeira fase tiveram comigo tanto nos momentos legais como nos momentos de desespero: Diogo, Janypher e Rodolfo, que sempre mantivemos uma ótima relação nos momentos individuais como também em trabalhos em grupo, dentro e fora da universidade. Espero continuar tendo vocês por perto.

Aos amigos que também fizeram parte da jornada pela UFSC e sempre que possível também estavam comigo, Marilyn e Priscila. E também um agradecimento para a Elisa que conheci no fim do curso, mas que me ajudou muito nesse final, até mesmo pela paciência de ter lido minha monografia.

RESUMO

FERRERAS, Fernando da Cunha. **A ascensão da China e a crise hegemônica dos Estados Unidos no cenário econômico mundial.** Monografia – Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

Este estudo tem como objetivo primordial duas questões interligadas e que estão na pauta da atualidade. O primeiro trata-se do ressurgimento da Ásia Oriental no cenário político e econômico mundial, tendo a China no epicentro. O segundo, porém não menos importante, é a respeito da hegemonia estadunidense, apontando para a crise hegemônica que se instalou no Ocidente desde a década de setenta e prossegue até os dias atuais, fazendo com que os Estados Unidos, supostamente, percam a posição de superpotência global. Fala-se de ressurgimento asiático haja visto que anteriormente o Japão liderou um crescimento. A discussão inicia-se no século XIX com a hegemonia Britânica e vai sendo discorrido de uma maneira histórica até o ponto onde se debate a expansão chinesa. O principal referencial teórico utilizado e exposto gira em torno de dois importantes pesquisadores internacionais: Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi.

Palavras-chave: China. Estados Unidos da América. Hegemonia mundial. Crise hegemônica.

ABSTRACT

This study has as its primary goal two interconnected issues that are today's tariff. The first one deals with the resurgence of East Asia in the political and economic world, having China at the epicenter. The second, but not least, is about U.S. hegemony, pointing to the hegemonic crisis that characterized the West since the seventies and continues until today, making the United States lose its position of global superpower. There is talk about Asian resurgence, considering that Japan already led a growth. The discussion begins in the 19th century with the British hegemony and is discoursed in a historical way until the point where the Chinese expansion is debated. The main theoretical used and exposed is based on two major international researchers: Immanuel Wallerstein and Giovanni Arrighi.

Keywords: China. United States of America. World-wide hegemony. Hegemonic crisis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O ciclo hegemônico de Arrighi e do GPSHC.....	25
Figura 2 – O ciclo hegemônico de Wallerstein.....	26
Figura 3 – Bandeira dos Estados Unidos da América.....	28
Figura 4 – Mapa dos Estados Unidos.....	29
Figura 5 – Índice Dow Jones de 2006 a 2008.....	48
Figura 6 – O ciclo vicioso da crise financeira.....	51
Figura 7 – Bandeira da China.....	52
Figura 8 – Mapa da China e região.....	53
Figura 9 – Relevo da China.....	54
Figura 10 – Mapa populacional chinês.....	55
Figura 11 - Exportações dos países na % total mundial.....	57

LISTA DE QUADROS E TABELA

Quadro 1 – Principais dados EUA.....	30
Quadro 2 – Principais indicadores da China.....	53
Quadro 3 – Produção Fordista x Produção Just-in-time no processo produtivo.....	61
Quadro 4 - Produção Fordista x Produção Just-in-time no processo de trabalho.....	62
Quadro 5 – Participação China na produção mundial.....	63
Tabela 1 – Custo da mão-de-obra na indústria, por hora, em 2005 (US\$).....	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CSA - Ciclo Sistêmico de Acumulação

CSAB - Ciclo Sistêmico de Acumulação Britânico

EUA – Estados Unidos da América

FED - Reserva Federal dos Estados Unidos da América

FMI – Fundo Monetário Internacional

GPSHC - Grupo de Pesquisa sobre Hegemonias Comparadas

OMC – Organização Mundial do Comércio

ONU – Organização das Nações Unidas

OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

PCC – Partido Comunista Chinês

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Tema e problema	14
1.2 Objetivos	14
1.2.1 Objetivo Geral	14
1.2.2 Objetivos Específicos	15
1.3 Justificativa	15
1.4 Metodologia	15
1.4.1. Estrutura do trabalho	16
2. A HEGEMONIA BRITÂNICA	18
2.1 A Passagem da Hegemonia Inglesa para a Hegemonia Estadunidense	21
3. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA	28
3.1 O que são os Estados Unidos?	28
3.3 Declínio da Hegemonia Norte-Americana	37
3.4 Crise Financeira Mundial	46
4.1 O que é a China?	52
4.2 A Ascensão do leste asiático e a expansão chinesa	59
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

1 INTRODUÇÃO

Hoje em dia, devido à globalização e a toda agilidade que encontramos nos meios de comunicação, é certamente fundamental estar informado e atento às mudanças. Mudanças não somente nos fatos que nos cercam, mas também em fatores ligados aos quatros cantos do planeta, sendo eles de interesse imediato ou não.

É notório, ainda, que a liderança global, crise econômica e o futuro da economia mundial são assuntos que se fazem cada vez mais presentes na pauta atual. Quem sairá ganhando e quem perderá após essa turbulência?

Acompanhando esse assunto contemporâneo surge também o debate sobre o “líder” mundial. Quem é hoje o mais potente? Quem hoje se destaca mais nas produções? Quem hoje dita às regras? Para aqueles que estudam o tema da chamada hegemonia mundial, isso hoje é uma pergunta bastante delicada. Estados Unidos *versus* China, qual desses gigantes tem mais poder perante o cenário mundial nos dias atuais?

Primeiramente cabe analisar o que é *hegemonia*. Para Giovanni Arrighi (1996), hegemonia refere-se especificamente à capacidade de um Estado exercer funções de liderança e governo sobre um sistema de nações soberanas. Em princípio, esse poder pode implicar apenas a gestão corriqueira desse sistema, tal como instituído num dado momento.

A supremacia de um grupo social manifesta-se de duas maneiras, como “dominação” e como “liderança intelectual e moral”. Um grupo social domina os grupos antagônicos, que ele tende a “liquidar” ou subjugar, talvez até pela força das armas, e lidera os grupos afins ou aliados. Um grupo social pode e, a rigor, já deve exercer a “liderança” antes de conquistar o poder governamental; posteriormente, ele se torna dominante ao exercer o poder, mas, ainda que o detenha firmemente nas mãos, também tem que continuar a “liderar”. (GRAMSCI, 1971, p. 57-8 *apud* ARRIGHI, 1996).

Anos mais tarde e em outra publicação, o autor define a mesma hegemonia como o “poder *adicional* que advém a um grupo dominante em virtude de sua capacidade de *guiar* a sociedade na direção que serve aos interesses dos grupos dominantes e também é vista pelos grupos subordinados como a serviço de interesses mais gerais” (ARRIGHI, 2008, p. 159).

A hegemonia pode sim ser exercida sem a ameaça ou sem a utilização da força, bastando apenas que os grupos subordinados “confiem” no grupo dominante, logo saberão que os objetivos do grupo hegemônico serão em prol dos interesses gerais e não apenas dos

interesses próprios, os quais beneficiariam sua nação ou as nações que a eles sejam convenientes.

Hegemonia no sistema internacional, para Immanuel Wallerstein (2002), significa que existe apenas uma potência em condições geopolíticas para impor uma concatenação estável da distribuição social do poder. Isto implica um período de paz (ausência de luta militar entre grandes potências) e de legitimidade, ou seja, a ordem social avança rapidamente em direção a um objetivo que os outros aprovariam. O autor afirma que todos os casos hegemônicos até hoje duraram de vinte e cinco a cinquenta anos.

Vista a definição de hegemonia de Arrighi em diferentes séculos e baseados no conceito geral de Gramsci e também de Wallerstein, damos continuidade ao debate. O presente estudo buscou esclarecer através de análises históricas desde a metade do século XVIII essas questões, apresentando argumentos que façam com que as pessoas possam opinar com embasamento teórico a respeito do tema e se está realmente ocorrendo uma mudança no eixo do principal cenário mundial, passando do ocidente para o oriente.

“Para que alguém ascenda, outro, necessariamente, precisa perder. Não se pode dar medalha de ouro para todos”, o desenvolvimento não é para todos ao mesmo tempo. Pode-se dizer que é um jogo de soma zero: o desgaste de uma superpotência leva, quase automático, ao fortalecimento de outra (ARRIGHI, 2008).

Para se chegar aos dias atuais e na discussão sobre a China, muitos fatos ocorreram na história e a hegemonia foi transferida algumas vezes de um país para outro. O comando da economia mundial começou por Gênova (do século XV ao início do XVII), posteriormente chegou a Holanda (do fim do século XVI até a maior parte do XVIII), depois surgiu a Inglaterra (da segunda metade do século XVIII ao início do XX) e, finalmente, os Estados Unidos (de 1870 até hoje). O foco dar-se-a apenas às últimas duas hegemônias e a uma possivelmente nova: a China.

Serão apresentadas as hegemônias britânica e norte-americana para posteriormente chegar a atual crise hegemônica que assombra os Estados Unidos. A China vem inserindo-se no cenário mundial, hoje os chineses ocupam um lugar de destaque na economia, posição na qual ninguém poderia imaginar há alguns séculos. Essa ascensão e expansão da economia chinesa é um dos principais focos de atenção do estudo.

1.1 Tema e problema

O tema do presente estudo de monografia consiste em uma análise do cenário sócio-econômico mundial. Dos países que o lideram e daqueles que fazem ser potência, também mostrando a possível queda do império estadunidense e a visível ascensão dos países asiáticos, englobando principalmente a China.

Por se tratar de um assunto contemporâneo, é bastante discutido e apresenta muitos teóricos, tais como Giovanni Arrighi, Immanuel Wallerstein, Moniz Bandeira, entre outros que argumentam sobre o tema; tal diversidade de autores faz com que haja divergência de opiniões.

O problema central do estudo visa esclarecer e demonstrar através de autores, opiniões e projeções se está mesmo ocorrendo uma transição da hegemonia mundial, dos Estados Unidos para a China.

Alguns aspectos serão mais discutidos e terão uma abordagem mais completa, outros apenas uma análise e reflexão superficial. Devido a sua ampla dimensão tornar-se-ia impossível discorrer detalhadamente sobre todos os quesitos e aspectos que abordam essa questão.

O presente tema da monografia atravessa o período histórico da hegemonia britânica, a hegemonia estadunidense e a ascensão chinesa dos últimos anos.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar o cenário atual da chamada hegemonia americana e seus antecedentes. A partir disso, relatar o porquê de tal hegemonia encontrar-se em declínio, abrindo espaço para a expansão e ascensão de países do leste asiático como a China.

1.2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos, os quais foram subdivididos na ordem cronológica dos fatos para uma melhor compreensão, compõem-se da seguinte maneira:

- Analisar, de maneira histórica, o processo de mudança desde o século XVIII até os dias atuais, abordando como primeiro quesito a hegemonia britânica e suas características;
- Apresentar a queda da economia britânica e a ascensão da economia americana, caracterizando-a assim como uma nova força hegemônica;
- Relatar a hegemonia norte-americana, desde seu início até a atualidade;
- Discorrer rapidamente sobre a atual crise econômica mundial;
- Demonstrar detalhadamente o crescimento asiático, principalmente o chinês, que influencia o mundo capitalista atual.

1.3 Justificativa

Por se tratar de um assunto histórico e ao mesmo tempo atual, acredito na importância do trabalho para um aprofundamento no entendimento do estudo existente e também buscar compreender o que poderá ocorrer no futuro da economia mundial. É um tema contemporâneo que vem sendo bastante discutido nos últimos anos.

1.4 Metodologia

O método de procedimento em questão é o monográfico e isso consiste em “um estudo sobre um tema específico ou particular de suficiente valor representativo e que obedece a rigorosa metodologia. Investiga determinado assunto não só em profundidade, mas em todos

os seus ângulos e aspectos, dependendo dos fins a que se destina”. (LAKATOS; MARCONI, 1995).

Analisando a origem e a evolução do vocábulo *método*, encontra-se seu significado como sendo o caminho para chegar a um fim, o que leva ao entendimento de método científico como caminho para chegar à verdade em ciência (GIL, 2002).

Segundo Gil (2002), o estudo fez-se através de métodos descritivos (objetivo primordial é a descrição das características de determinadas populações ou fenômenos), explicativos (preocupação central é identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos) e exploratórios (o objetivo é proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, pode envolver levantamento bibliográfico). Assim serão expostos os argumentos teóricos dos autores que abordam o tema.

Os dados foram coletados através de uma pesquisa bibliográfica em livros, revistas, publicações, dissertações e artigos. Sua principal vantagem reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla daquela que poderia pesquisar diretamente, isto porque ela tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema (GIL, 1999). As fontes para o desenvolvimento do trabalho acadêmico foram dadas por fontes secundárias de pesquisa.

O estudo se caracteriza através de leituras de diversos autores que discorrem sobre o tema, suas análises, opiniões, relatos e visões políticas. Assim, puderam-se apresentar as linhas de enfoque que cada autor destaca em suas obras e fazer uma mescla de visões políticas, econômicas e sociais para que possa encabeçar e embasar a pesquisa.

1.4.1. Estrutura do trabalho

Para que seja mais lógico e de uma maneira mais coerente, os dados serão expostos através de uma ordem cronológica de fatos. Os capítulos foram divididos da seguinte forma.

O primeiro, já exposto, relata uma análise introdutória ao tema e ao objeto de estudo.

Já o segundo capítulo inicia-se a discussão a respeito da Grã-Bretanha e como esse país europeu era o mais forte e mais temido em sua época de glória; aqui serão relatados os principais pontos da hegemonia britânica. Seguindo a ordem e como uma seção do capítulo,

iremos abordar a passagem do bastão hegemônico dos britânicos para os americanos e o que essa transição ocasionou na economia global.

Surgindo os Estados Unidos como potência, a próxima etapa do projeto, terceiro capítulo, foca primeiramente o que é esse país e seus dados mais relevantes. Posteriormente, engloba a hegemonia estadunidense e seus principais pontos políticos e econômicos. Ainda expondo os norte-americanos, uma das seções desse capítulo discorre sobre a possível perda hegemônica e o declínio dessa superpotência. A próxima seção visa explicar, sucintamente, a atual crise financeira que assolou o mundo, suas principais causas e conseqüências.

Passando pelo cenário inglês, troca hegemônica, cenário americano e crise, chega então, através do quarto capítulo, a hora da análise dos chineses e do leste da Ásia. Antes de tudo há um breve resumo da China, onde estão expostas algumas informações básicas para entender esse país. O principal ponto desse capítulo é demonstrar como e porque a China vem ganhando espaço nos últimos anos no cenário sócio-econômico mundial, o que está tornando esse país um gigante, quais são seus principais enfoques e políticas.

Por fim, o último capítulo do trabalho, está reservado para as conclusões do tema exposto ao longo do trabalho e as considerações finais a respeito de tudo que fora abrangido nos capítulos anteriores.

2. A HEGEMONIA BRITÂNICA

O longo século XIX (desde aproximadamente 1780 a 1910) foi considerado como sendo o século inglês. Essa hegemonia britânica e o ciclo sistêmico de acumulação (CSA) tiveram duas fases: primeiramente a expansão material (1780 – 1870) e posteriormente a expansão financeira (1870 – 1930, onde futuramente entrariam em cena os Estados Unidos).

Expansão material corresponde ao período de ascensão e consolidação de um regime de acumulação de capital em escala global. Consiste em mudanças, durante as quais o crescimento da economia está na esfera produtiva e no aumento da circulação de mercadorias. Já na segunda fase, de expansão financeira, o fluxo monetário se desloca do comércio e da produção para o ambiente financeiro. As contradições do regime de acumulação hegemônico acentuam-se, criando espaços para o surgimento de regimes concorrentes. (FERREIRA, 2009, p. 25)

Podemos observar a respeito das análises das etapas é que na primeira há uma expansão de um determinado regime, seu momento de auge. Já a etapa a seguir apresenta-se a possível queda, o período em que haverá a transição hegemônica na economia mundial. Nesse caso entre britânicos e americanos, foi a passagem da hegemonia inglesa para a hegemonia estadunidense.

A respeito da formação industrial da Inglaterra, podemos colocar uma contribuição feita por Georg Friedrich List (1983, p. 31-32), onde afirma que a fonte e origem da grandeza industrial e comercial da Inglaterra devem ser identificadas na criação de ovelhas e na manufatura de lã. Antes da aparição dos hanseáticos em solo britânico, a agricultura da Inglaterra era primitiva, a criação de ovelhas era de pouca importância e a suinocultura era a fonte principal de fornecimento de carne à população. O mesmo autor ainda argumenta que, com o aumento do comércio externo, a suinocultura diminui, a criação de ovelhas aumenta e assim há uma melhora na agricultura. Foi ao redor da indústria de lã da Inglaterra que cresceram e desenvolveram-se todos os outros setores manufatureiros. A indústria de lã constituiu a base da grandeza da Inglaterra, no tocante da indústria, do comércio e do poderio naval.

List (1983) também aborda a questão da imigração à Inglaterra dos artesãos protestantes expulsos da Bélgica e França: esse fato proporcionou aos ingleses um crescimento incalculável no tocante a habilidade industrial e ao capital manufatureiro. E

referente à política comercial, aponta que nada contribuiu tanto para o bem-estar público quanto a exportação de produtos manufaturados e a importação de matéria-prima do estrangeiro (LIST, 1983, p. 35-36).

Já em relação ao poder e a riqueza, ele argumenta:

O poder é mais importante que a riqueza, pois uma nação, por meio do poder, não somente tem a capacidade de gerar novas forças produtivas, mas também de manter-se na posse da riqueza adquirida em tempos anteriores e, em tempos mais recentes, é porque o inverso da força e do poder - ou seja, a fraqueza - leva a perdermos tudo aquilo que possuíamos; não somente da riqueza que havíamos conquistado, mas também das nossas forças de produção, da nossa civilização, da nossa liberdade, e até da nossa independência nacional, caindo nas mãos daqueles que nos superam em poder e potência. (LIST, 1983, p. 37-38).

Para List fica claro que o poder das nações é mais relevante que a riqueza que elas possuem. E completa dizendo que se a nação apresenta fraqueza, ela está sujeita a perder tudo que conquistou ou possui ao longo do tempo, inclusive a própria riqueza.

Mello Neto e Araújo (2006) afirmam que entre 1819 e 1914 a Inglaterra foi possuidora da moeda-chave, em outras palavras, aquela de aceitação internacional na qual são denominados contratos e preços internacionais, assumindo, ela própria, a condição de reserva internacional.

O Banco da Inglaterra tinha papel dominante nos ciclos econômicos mundiais, onde uma elevação da taxa de juros inglesa tenderia a absorver o capital de curto prazo dos demais países, e a resposta consistia em novas rodadas de elevação de suas taxas de juros. O resultado seria uma retração econômica mundial, somente revertida quando o Banco da Inglaterra reduzisse novamente as suas taxas, induzindo os bancos centrais do resto do mundo a também fazê-lo. (MELLO NETO; ARAÚJO, 2006)

Cardoso de Mello define três controles de conceito sobre país hegemônico internacional:

O primeiro deles se exerceria sobre o processo de inovação tecnológica, o que supõe formas de organização capitalista nas quais estaria encarnado o poder financeiro; o segundo concerne à moeda e à finança internacionalizada, o que por sua vez pressupõe o poder industrial; o terceiro diz respeito ao poder político-militar, em última instância, o controle das armas (CARDOSO DE MELO, 1997 *apud* MELLO NETO; ARAÚJO, 2006).

Dessa forma, no século XVIII, a Inglaterra passa a admitir uma evolução técnica advinda do aperfeiçoamento mecânico, através do surgimento da Revolução Industrial. Com isso, torna-se um exemplo mundial e, por consequência disso, uma potência difícil de igualar.

Com a intensa inserção de máquinas e a tecnologia se desenvolvendo, a migração para as cidades estava tornando-se inevitável. Conseguem-se também uma maior especialização na produção de manufaturas transferindo-as para os demais países mundiais.

Os ingleses estavam se baseando no liberalismo. Assim, seu país pôde observar um crescimento do poder econômico, no século XIX. A indústria também acompanhava o ritmo e sua evolução era algo extraordinário.

Nesse contexto, demorou um pouco até as técnicas surgidas da Revolução Industrial aparecerem na sua totalidade na realidade prática das pessoas, mesmo que elas representassem uma vantagem em relação às técnicas antigas que eram utilizadas. As cidades desenvolviam-se com o crescimento demográfico e havia emigrações para áreas urbanas por volta de 1840.

Com isso, o mercado se tornava mais exigente e, com mais pessoas e técnicas novas, tal fato estimulava o setor produtivo que teria que acompanhar o ritmo de crescimento. Mas o fator que mais cresceu em dez anos (1831 a 1841), foi a indústria. Por fim, o mundo se depara com a Grã-Bretanha sendo a nova potência econômica mundial no século XIX.

Segundo Ferreira (2009), quando a indústria inglesa já está consolidada, em meados do século XIX, houve a revolução dos transportes. Uma das estratégias era a ampliação do mercado consumidor mundial, colocando suas manufaturas nas mais diferentes regiões do globo terrestre. Foi esse o auge da fase de expansão material britânica.

Arrighi (1996) expõe que a Inglaterra tornou-se uma poderosa ilha através de um longo processo de “aprendizagem” sobre como transformar uma desvantagem geopolítica, numa vantagem competitiva, na luta pelo poder pela supremacia comercial do mundo.

O autor também descreve o período de disputa imperialista em três etapas, sendo elas, respectivamente: a caracterização da tentativa fracassada de incorporação dos Estados capitalistas; a anexação das fontes de poder e riqueza dos Estados capitalistas; e a vitória inglesa na Guerra dos Sete Anos¹.

A Grã-Bretanha venceu a batalha com a França (Guerra dos sete anos 1756 – 63), mas não por isso já era considerada hegemônica. Esse conflito entrou numa fase que Arrighi denomina como sendo o “caos sistêmico²”. Esse caos sistêmico foi resultado do conflito social nas lutas dos governantes pelo poder.

¹ Guerra dos Sete Anos ocorreu entre 1756 e 1763, foi uma batalha internacional que reunia os países europeus. Tinha como principais rivais a França e a Inglaterra.

² “Caos Sistêmico”, segundo Arrighi, refere-se a uma situação de falta total, aparentemente irremediável, de organização.

O Reino Unido tornou-se hegemônico, em primeiro lugar, por liderar uma vasta aliança de forças dinásticas na luta contra as violações de seus direitos absolutos de governo e em prol da restauração do sistema de Vestfália³. (ARRIGHI, 1996, p. 52)

A Grã-Bretanha estabeleceu um tipo totalmente novo de hegemonia mundial, baseado em três níveis de análise. (ARRIGHI, 1996)

1. Um novo grupo de nações uniu-se ao grupo de Estados dinásticos;
2. O imperialismo colonial foi substituído pelo imperialismo de livre-comércio;
3. A difusão da idéia liberal do mercado auto-regulável.

2.1 A Passagem da Hegemonia Inglesa para a Hegemonia Estadunidense

List, quando escreve sua obra em 1855, mostra-se atento aos Estados Unidos, pois aborda os norte-americanos como um povo de colonizadores que progrediu rapidamente, passando da condição de total dependência da nação-mãe e da condição de uma série de províncias coloniais destituídas de qualquer união política, para a condição de nação. Nação na qual relata ser unida, bem organizada, livre, operosa, rica, poderosa e independente que, talvez, ao tempo dos nossos netos, se transformará na maior potencia naval e comercial do mundo. (1983, p. 73)

Já Eric J. Hobsbawm (2003, p. 160), aborda o declínio da hegemonia inglesa pelo fato da Inglaterra ter se atrasado, em alguns aspectos, em relação a seus rivais e estes ocupavam os campos nos quais a própria Grã-Bretanha foi a primeira a trilhar antes de abandoná-lo. Em sua opinião, a súbita transformação da economia industrial mais dinâmica na mais retardada e conservadora, no curto prazo de trinta ou quarenta anos (1860-90/1900), constitui a questão crucial da história econômica britânica.

O questionamento da hegemonia inglesa se deu, na opinião desses autores, pelo surgimento de novas potências industriais, retirando da Inglaterra o controle da inovação

³ Vestfália é uma região alemã histórica. Esse sistema fora desorganizado pelas guerras, a Inglaterra o restaura (concluída em 1815) e restabelece a paz. “Os Tratados de Vestfália de 1648 estabeleceram o princípio de que os civis não seriam envolvidos nas disputas entre os soberanos”. (COSTA, 2005, p.58)

tecnológica e pelas restrições, por parte de vários países europeus, à saída de capitais que criava sérias dificuldades à Inglaterra.

Os Estados Unidos passam a ter o “status” de hegemonia global a partir de um longo período que se iniciou com a recessão mundial em 1873. Assim os americanos juntos com os alemães, passam a controlar uma grande fatia do mercado mundial. Isso decorre, principalmente, da queda contínua da economia britânica.

Podemos dizer que houve uma mudança nas bases energéticas, onde antes com a Inglaterra era o carvão, hoje, com os Estados Unidos, é o petróleo. Passa então a existir o modelo americano de produção, o fordismo.

Para a solidificação da hegemonia americana, diversos fatos ocorreram, dentre eles podemos destacar:

As transformações ocorridas no sistema capitalista ao longo do século XX não podem ser compreendidas sem se levar em conta três fatores: os efeitos das guerras mundiais, as mudanças no padrão monetário internacional e as alterações da divisão internacional do trabalho. Todos eles afetaram poderosamente as mudanças na sociabilidade burguesa com a ruptura da ordem liberal, o surgimento de reações nacionalistas autoritárias ou experiências intervencionistas e social-democratas que acompanharam a constituição de sociedades de massas na Europa e nos EUA. (TAVARES; BELLUZZO, 2004, p.116 - 117).

Tavares e Belluzo (2004) enfatizam alguns pontos importantes: a passagem da hegemonia inglesa para a hegemonia americana; as guerras mundiais e o poder americano; da construção política à crise da hegemonia americana; mundialização financeira e mutação na riqueza capitalista e reafirmação do poder americano.

O professor Rabah Benakouche faz referência ao Bretton Woods⁴, onde a transição de padrão monetário (da libra para o dólar) só foi possível quando se completou a total perda da hegemonia inglesa, efetivada após as duas guerras mundiais. E a história que explica essa situação é longa e complexa a seu ver, pois se inicia no pós-guerra com os acordos de Bretton Woods que não foram instituídos por uma negociação efetivamente internacional, ao contrário, apenas as delegações inglesas e americanas se enfrentaram. A posição norte-americana prevaleceu, pois estes ganharam a Guerra e assumiram a liderança mundial. Os

⁴ Conferência de Bretton Woods. Nome pelo qual ficou conhecida a Conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas, realizada em julho de 1944, em Bretton Woods (New Hampshire, Estados Unidos), com representantes de 44 países, para planejar a estabilização da economia internacional e das moedas nacionais prejudicadas pela Segunda Guerra Mundial. Os acordos assinados em Bretton Woods tiveram validade para o conjunto das nações capitalistas lideradas pelos Estados Unidos, resultando na criação do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD). (SANDRONI, 1999, p.120)

termos dos acordos consistiam de um lado, na paridade fixa do dólar com o ouro e, de outro, na taxa de câmbio fixa e ajustável com o dólar para as demais moedas participantes.

Benakouche ainda adverte que os princípios econômicos que regulam a economia internacional são aplicados apenas enquanto são aceitos pelo país hegemônico e desde que atendam aos seus interesses. “Frente a alguma ameaça, as regras, antes compactuadas, são rompidas. É nesse momento que o embate muda de campo: passa-se a argumentar e a agir em outro campo que não é exclusivamente econômico”.

Ocorreu uma mudança na hegemonia mundial: antes a inglesa predominava e agora a americana. Essa nova hegemonia pode ser percebida facilmente. Para tanto, basta-se pegar um jornal, assistir a uma notícia e acompanhar, minimamente, aspectos ligados à economia mundial e os fatores que estão a nossa volta.

José Luiz Fiori (1999) também realça esse ponto, demonstrando essa superioridade e crescimento da economia norte-americana. Dentre fatos históricos determinantes podemos destacar a Primeira Guerra Mundial, a Conferência de Paris e a Segunda Guerra Mundial.

O período de entre – guerras liquidou de vez a hegemonia inglesa consubstanciada no imperialismo do livre comércio e no padrão libra-ouro. O velho Império britânico manteve as suas colônias e domínios e estendeu os seus “protetorados” para a Palestina e Oriente Médio. As dívidas de guerra e a inexistência de uma nova divisão internacional do trabalho que lhes fosse favorável converteram rapidamente o padrão-ouro num anacronismo não operacional. Os EUA assumem a posição dominante em termos econômicos e financeiros e saem do conflito com mais da metade das reservas em ouro mundiais. (FIORI, 1999).

David S. Landes (1994, p. 369) classificou o século XX como uma confusão de emergências, desastres, improvisações e expedientes artificiais, onde numas poucas semanas de 1914, passou-se de um grupo sereno para águas de um mar revolto.

Percebe-se então que a transição de hegemonias ocorreu entre 1873 a 1945/1950. A primeira data marca o início da Grande Depressão e a segunda marca do término da Segunda Guerra Mundial à construção da nova ordem mundial. Jales da Costa cita o GPSHC⁵, onde engloba autores como Arrighi, Hui, Ray, Reifer, (2001). Estes classificam que esta transição hegemônica percorreu três fases:

⁵ “O Grupo de Pesquisa sobre Hegemonias Comparadas sintetiza a tradicional política de equilíbrio de poder sob a hegemonia britânica da seguinte forma: por um lado, [os ingleses] tranquilizaram e apoiaram os governos absolutistas da Europa continental, organizados na Sagrada Aliança, ao garantirem, através do recém-criado Concerto da Europa, que as mudanças no equilíbrio de poder só se produziriam mediante consulta às Grandes Potências. Por outro lado, criaram dois contrapesos importantes ao poder da Santa Aliança. Na Europa, exigiram e conseguiram que a França, derrotada, fosse incluída entre as Grandes Potências, ainda que mantida sob controle, classificando-se ao lado de nações de segundo escalão cuja soberania era garantida pelo Concerto” (ARRIGHI, HUI, RAY, REIFER, 2001, *apud* COSTA, 2005, p. 57).

1. Crise da hegemonia britânica sob o impacto da Grande Depressão;
2. Desintegração da ordem mundial estruturada pela hegemonia inglesa sob o impacto da Primeira Guerra Mundial;
3. Emergência da nova ordem mundial por volta de 1950.

A grande expansão mundial de meados do século XIX (na “era do capital” de 1848 a 1873), sob a hegemonia britânica, assim como em todas as fases de expansão material dos ciclos sistêmicos, culminou, ao redor de 1870, em uma intensa competição intercapitalista e na crise da hegemonia britânica (ARRIGHI, 1997; SILVER e SLATER, 2001, *apud* COSTA, 2005, p. 54-55). O autor também utiliza Landes para relatar que a drástica deflação cedeu lugar ainda nos últimos anos do século XIX, como num “passe de mágica”, a um aumento dos preços, dos juros e com isso, conseqüentemente, dos lucros.

A Grã-Bretanha sofreu uma redução de sua supremacia industrial e imperial durante a depressão e a expansão financeira da *belle époque*⁶, motivada pela disseminação do imperialismo e do mercantilismo de outros governos europeus. Porém, até a Primeira Guerra Mundial, a disseminação do imperialismo e do mercantilismo não havia reduzido o papel da Inglaterra como câmara de compensação central do sistema mundial capitalista e foi nesse período que esta nação mais se beneficiou da condição de centro do comércio e das finanças mundiais (ARRIGHI; HUI; RAY; REIFER, 2001, *apud* COSTA, 2005, p.56).

Em 21 de setembro de 1931 a Inglaterra abandonou o padrão ouro o que marcou a crise terminal da dominação britânica sobre o capital do mundo e também o colapso derradeiro da ordem mundial centrada na Grã-Bretanha (ARRIGHI; HUI; RAY; REIFER, 2001, *apud* COSTA, 2005, p.56-57).

Costa insere o modelo estadunidense, onde narra que a capacidade da Inglaterra de ocupar o centro da economia mundial foi minada pela emergência da economia norte-americana, cuja riqueza, dimensões e recursos eram muito superiores. Os Estados Unidos, antes mesmo do início da Primeira Guerra Mundial, já haviam despontado como uma potência regional das Américas. Assim, o poderio mundial da Inglaterra estava seriamente desafiado pelos novos poderes emergentes da Alemanha e dos Estados Unidos, que se fortaleceram mutuamente e comprometeram a capacidade da Grã-Bretanha de governar o sistema interestatal. Entra aqui outra luta pela supremacia mundial, só que desta vez, com “uma violência e morbidez sem precedentes” (ARRIGHI, 1996).

⁶ Significa bela época em francês. Era a época de inovação, transformação e paz entre países da Europa.

“As guerras mundiais do início do século XX violaram os princípios, normas e regras do Sistema de Vestfália, acabaram com a ordem mundial inglesa, instauraram um caos sistêmico, e mais uma vez a sociedade mundial demandou uma nova ordem mundial” (idem).

“Os Estados Unidos tornaram-se mundialmente hegemônicos em meados do século XX, tal como as Províncias Unidas no início do século XVII e a Grã-Bretanha no início do século XIX, ao criarem uma nova ordem mundial” (idem).

A Grã-Bretanha perderia o *status* de hegemonia mundial e a economia global entraria numa nova fase, sendo a expansão financeira do CSAB (FERREIRA, 2009, p.69).

A figura 1 serve para exemplificar como ocorre a crise hegemônica e a sua transição:

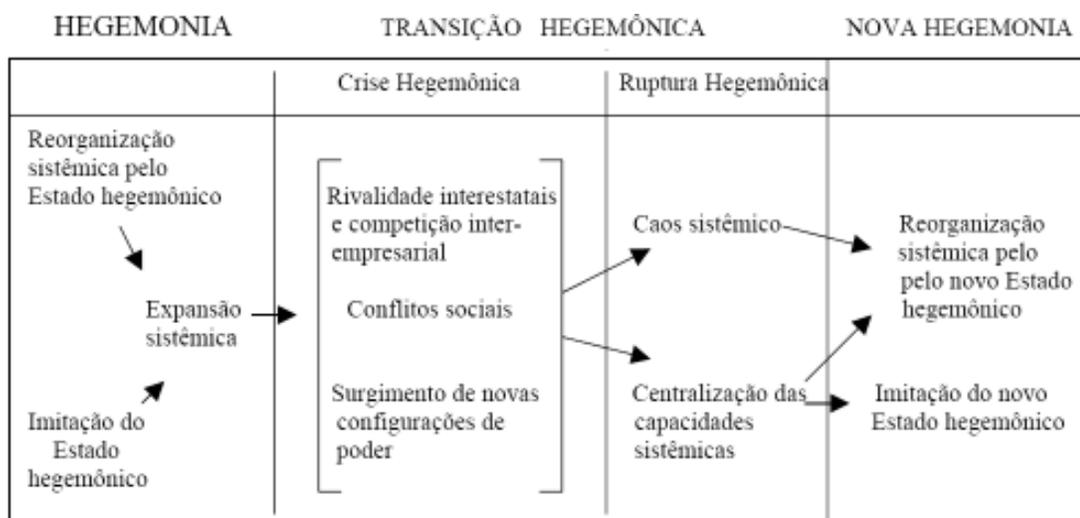


Figura 1: O ciclo hegemônico de Arrighi e do GPSHC

Fonte: (ARRIGHI e SILVER, 2001, p.39 *apud* COSTA, 2005, p.53)

O que pode ser observado na figura acima é que quando ocorre à chamada transição de hegemonia, três fatos relacionados ocorrem: os conflitos sociais; novas formas de poder se configuram e uma competitividade interestatal e interempresarial. Isso vai de encontro ao que Arrighi chama de expansão financeira. Temos a hegemonia atual (Inglaterra), a transição (Inglaterra – EUA) e a nova hegemonia (EUA). Dado o exposto, faz-se presente novamente o fato de que a nova fase de expansão financeira é a possível troca hegemônica, tal qual mencionado no início do capítulo.

Já outro importante autor a respeito desse tema, Immanuel Wallerstein, assegura que os ciclos hegemônicos “consistem na ascensão e declínio de sucessivos fiadores da ordem global, cada um com seu padrão particular de controle e cada ciclo dura por volta de 100 a

150 anos.” (WALLERSTEIN, 2002a, p.68 *apud* COSTA, 2005, p.31). Podemos observar na figura 2 o modelo que o autor nos sugere.



Figura 2: O ciclo hegemônico de Wallerstein

Fonte: (ARRIGHI e SILVER, 2001, p.34 *apud* COSTA, 2005, p.32)

Para Wallerstein (2002) as hegemônias, necessariamente, entrarão em algum processo de queda. “Seu próprio sucesso cria as condições de sua extinção”. Essas hegemônias até agora foram relativamente curtas e, para que se mantenha no topo, sempre serão necessários investimentos, os quais devem ser direcionados ao setor militar.

Wallerstein se refere às trocas de hegemônias posteriormente as guerras, e cita como exemplo a guerra dos trinta anos (1618 a 1648) onde foi concretizada a hegemonia holandesa; as guerras napoleônicas (1792 a 1815) que firma a hegemonia britânica; e por fim as guerras eurásianas (1914 a 1945) que consolidaram a hegemonia norte-americana. (WALLERSTEIN, 1984 *apud* COSTA, 2005, p.31)

Para completar o pensamento de Wallerstein, Vieira (2008, p.130-1) coloca que as transições hegemônicas sempre ocorreram por meio de grandes conflitos entre potências rivais e nesse caso não é diferente. As guerras de 1914 e 1939 passou a hegemonia Britânica para os EUA. Esses conflitos ocorrem não somente porque as nações decidem empregar a força para a conquista hegemônica, mas também porque a atual hegemonia resiste a ceder seu posto.

É claro que a Grã-Bretanha acabou perdendo a supremacia. Quando a concorrência entre os antigos e novos rivais na construção de império se intensificou e criou ambiente favorável a rebelião nas colônias, o custo do império subiu muito além de seus benefícios. Quando a Grã-Bretanha viu que era cada vez mais difícil fazer com que o império se pagasse, sem falar na geração de superávit, o país se endividou cada vez mais com os Estados Unidos, que combinavam custo de proteção mais baixo com mais competência na guerra industrializada do que a Grã-Bretanha e todos os seus rivais. Com o tempo, essa situação obrigou Londres a liquidar o império ultramarino e a se contentar com a posição de sócio minoritário da nova potência hegemônica. Ainda assim, foram necessárias duas guerras mundiais nas quais a Grã-Bretanha venceu militarmente, mas foi derrotada financeiramente, para que ela perdesse a posição de maior nação credora do mundo. (ARRIGHI, 2008, p.203)

Temos então como “concorrentes” aos britânicos os americanos; agora quem passar a comandar e dominar a maior fatia da economia mundial são os Estados Unidos.

3. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

O que será exposto nessa etapa da pesquisa são os principais pontos referentes aos Estados Unidos, como que esse país virou hegemônico, como exerce/exerceu tanto poder a nível mundial. Primeiramente serão demonstradas as principais características do país, da população e dados adicionais a caráter informativo. Nas seções seguintes entrará em debate o declínio de todo esse poder americano e como os EUA estão perdendo força no cenário internacional. Finalmente, será discutida a atual crise econômica mundial.

3.1 O que são os Estados Unidos?

Antes de iniciarmos os relatos sobre a hegemonia estadunidense, iremos apresentar dados atuais sobre o país para que se possa dar uma base às futuras informações. Abaixo segue uma tabela com algumas informações relevantes do país.

Em primeiro momento podemos observar que a figura 3 expõe a bandeira dos EUA, sendo que cada uma das estrelas ali desenhadas designa-se a um de seus Estados, sendo que o país é composto por 50 Estados e um distrito federal.



Figura 3: Bandeira dos Estados Unidos da América

Fonte: Atlas Geográfico Mundial

A próxima figura pode demonstrar a localização do país americano. Os EUA estão situados no hemisfério norte, lado ocidental do planeta e seu continente é denominado como América do Norte.



Figura 4: Mapa dos Estados Unidos

Fonte: Atlas Geográfico Mundial

Os séculos XIX e XX trouxeram para os norte-americanos um presente: mais de quarenta milhões de imigrantes. Se formos comparar com o Brasil, os subempregos dos estadunidenses são muito superiores a bons empregos aqui, em termos de salários e qualidade no trabalho. Um exemplo disso são os estudantes (muitos de classe média alta) que viajam todos os anos para os EUA para trabalhar e conseguir comprar mercadorias que aqui até então são bem mais difíceis. A qualidade de vida e os preços dos produtos, como automóveis, roupas e eletrônicos são melhores.

Segundo informações do Atlas Mundial, o território norte-americano é vasto e possui diversas belezas, paisagens e ambientes. Os Estados Unidos consomem boa parte dos recursos energéticos do planeta e são bem abastecidos desses recursos, possuem reservas. Suas indústrias mais importantes são de montagem de veículos, armamentos, maquinários, eletrodomésticos, produtos eletrônicos, manufaturados têxteis e entretenimento.

Já no quadro a seguir temos alguns dados relevantes sobre os Estados Unidos da América. São algumas informações básicas a respeito de um país.

Quadro 1: Principais dados EUA

ESTADOS UNIDOS	
Capital:	Washington DC
Principal cidade:	Nova Iorque
Língua falada:	Inglês
Governo:	Rep. Presidencialista
Presidente:	Barack Obama
Área:	9.826,675 km ²
População:	307.212,123 hab. (2009)
PIB:	US\$ 13.86 trilhões (2008)
IDH:	0,95 (2007)
Expectativa vida:	78,11 anos (2008)
Alfabetização:	99,04%
Moeda:	Dólar americano (USD)
Produtos agrícolas:	Tabaco, milho, soja
Pecuária:	Bovinos, aves, suínos
Indústria:	Transporte, máquinas, alimentos
Renda per capita:	US\$ 47.400 (2008)

Fonte: elaboração própria⁷

As principais cidades dos EUA são: Los Angeles, Chicago, Houston, Miami, San Francisco entre algumas outras. Já entre alguns dos Estados mais fortes do território americano temos: Califórnia, Flórida, Texas e Nova Iorque. Podemos destacar a respeito de sua população é que a maioria é composta por brancos e seu crescimento demográfico é de 0,8% ao ano (1995 a 2000). A religião que prevalece é o cristianismo, representando grande fatia da população americana.

Os dois principais pontos do território americano se dividem basicamente na região nordeste (Nova Iorque, Nova Jersey, Boston, Washington) e na região sudoeste da costa pacífica (Los Angeles, Sacramento, San Francisco). Os EUA são altamente urbanizados o que quer dizer que grande parcela de sua população vive nas cidades.

Quanto à geografia, podemos mencionar é que é o terceiro maior país do mundo em extensão territorial. O país possui grandes florestas, alguns pântanos, planícies montanhas e

⁷ Dados retirados do Atlas Geográfico Mundial, Apostila de História do curso e colégio Energia e informações diárias dos meios de comunicação.

desertos. Há uma grande diversidade geográfica e climática nos EUA. Seu mapa político é composto por três distintas classificações: Alasca, Havaí e os Estados Unidos Continentais (compreende os 48 estados na América do Norte). As fronteiras americanas são com o Canadá, México e Rússia (a oeste do Alasca, através do Estreito de Bering).

Já a respeito do clima, os EUA têm uma variação muito grande devido a sua extensão territorial. Enquanto em um ponto o clima é subtropical, em outro o clima é polar, como por exemplo, Flórida e Alasca, respectivamente. No geral o clima que predomina é o temperado ou subtropical, marcado por quatro estações distintas e regulares mudanças de temperatura e precipitação.

3.2 A Hegemonia Estadunidense

De acordo com o autor Giovanni Arrighi (1996), é através do caos sistêmico que surgem as novas ordens mundiais, processo este pelo qual os Estados Unidos passaram, corroborando assim o argumento do autor.

No princípio do século XX havia uma intensa luta pelo poder, ocorria um conflito social e as grandes potências estavam se enfrentando. O que isso tudo gerou foi uma total desorganização, uma falta absoluta de ordem. Com isso os EUA crescem e assim atendem essa demanda por ordem que o mundo necessitava, ou seja, instaura os princípios e normas do sistema de Vestfália. Começou aí a ascensão estadunidense.

Então podemos dizer que a hegemonia estadunidense toma-se corpo basicamente durante a Segunda Guerra Mundial e alcançou seu auge por alguns anos depois. Ao fim de toda essa batalha, os americanos estão inseridos no cenário mundial como uma potência econômica bastante forte. Estavam aos poucos ampliando seus poderes, possuíam um potente império, as matérias primas eram abundantes.

Arrighi (1996, p.65) demonstra que os americanos tornaram-se hegemônicos do mesmo modo que os britânicos. Instaurando primeiramente os princípios e após isso governar e restabelecer o sistema. Relata ainda que “essa capacidade de reformular o sistema interestatal baseou-se numa percepção, difundida entre governantes e cidadãos do sistema, de que os interesses nacionais do Estado hegemônico incorporavam um interesse geral”. Isto

posto, vamos de encontro ao que está relatado no início do trabalho (o conceito de hegemonia).

Arrighi explica que os dirigentes norte-americanos estavam conscientes dos problemas advindo das lutas anteriores e oferecem soluções para ambos os povos.

Depois da Segunda Guerra Mundial, concebeu-se a todos os povos, “ocidentais” ou “não ocidentais”, o direito à autodeterminação, ou seja, a se constituírem em comunidades nacionais e, uma vez constituídos, a serem aceitos como membros plenos do sistema interestatal. Nesse aspecto, a “descolonização” e a formação da Organização das Nações Unidas, cuja Assembléia Geral reuniu todas as nações em pé de igualdade, foram os correlatos mais significativos da hegemonia norte-americana. Ao mesmo tempo, a provisão da subsistência a todos os cidadãos tornou-se o objetivo fundamental a ser perseguido pelos membros do sistema interestatal. Assim como a ideologia liberal da hegemonia britânica havia elevado a busca da riqueza pelos súditos proprietários acima dos direitos absolutos de governo dos governantes, a ideologia norte-americana elevou o bem-estar de todos os cidadãos (o “consumo em massa” em alto grau) acima dos direitos absolutos de propriedade e dos direitos absolutos de governo. Se a hegemonia britânica havia expandido o sistema interestatal de modo a acomodar a “democratização” do nacionalismo, a hegemonia norte-americana levou essa expansão adiante, acomodando seletivamente a “proletarização” do nacionalismo. (ARRIGHI, 1996, p.66)

E completa esse pensamento afirmando sobre as distinções entre a hegemonia do Reino Unido e a hegemonia estadunidense:

Em comparação com o imperialismo de livre comércio, as instituições da hegemonia norte-americana restringiram consideravelmente os direitos e poderes de as nações soberanas organizarem relações com outros Estados e com seus próprios cidadãos como lhes aprouvesse. Os governos nacionais têm estado menos livres do que nunca para perseguir seus objetivos por meio da guerra, da expansão territorial e, em grau menor, mas ainda sim significativo, das violações dos direitos civis e humanos de seus cidadãos. (ARRIGHI, 1996, p.67)

Deste modo, os americanos vão se expandindo cada vez mais: há um altíssimo poder econômico. A sua economia prospera mesmo após essas guerras. Com isso as indústrias vão sendo construídas, sua produção vai aumentando, a tecnologia vai se desenvolvendo, e assim, com o passar do tempo, vai se modernizando em todos os sentidos, econômicos, políticos e sociais. A nova ordem mundial concentrou um poder mundial jamais visto anteriormente.

“Somente os Estados Unidos e a União Soviética tinham importância (...) e, entre os dois, a “superpotência” norte-americana era imensamente superior”. (KENNEDY, 1987, p. 357 *apud* ARRIGHI, 1996, p. 284)

Se antes da guerra, a economia da América era uma entre outras grandes economias, depois da guerra ela se transformou na economia central, em uma economia mundial em rápido desenvolvimento. Se, antes da guerra, os militares da América só tinham

importância esporádica nos conflitos mundiais, depois da guerra sua proteção nuclear, respaldada por forças convencionais de alta tecnologia, aterrorizou uma parte do mundo e deu segurança a outra. Acima de tudo, o governo federal dos Estados Unidos, antes frouxamente unido, tornou-se um Estado poderoso, rico e estável, o eixo em torno do qual girava grande parte da política mundial, inclusive a dos inimigos da América. (SCHURMANN, 1974, *apud* COSTA, 2005, p. 60)

Para o GPSHC a hegemonia norte-americana tinha dois lados: (COSTA, 2005)

1. Minimizar e evitar os efeitos negativos decorrentes do aniquilamento do poder europeu;
2. A Relação entre a economia interna americana e a economia mundial.

Por causa das guerras, a Europa e alguns países asiáticos estavam arrasados política, social e economicamente, então os Estados Unidos passaram a ser o principal fornecedor de produtos manufaturados. Sua potência industrial e comercial ia se expandindo até que se tornou a mais forte em todo o território global.

Através de acordos e alianças com os demais países, passaram a intervir em todas as partes do mundo. Estes acordos permitiram que os americanos possuíssem uma vasta rede de bases navais e aéreas o que facilitava a ampliação mundial. Foram os primeiros únicos a possuírem armas nucleares.

Baseado na projeção do seu poder militar a todos os cantos do mundo, e no uso do capital e dos mercados americanos para forçar uma integração econômica dos demais membros do sistema, a todo e qualquer preço (...) de tal maneira que uma década depois do fim da Guerra Fria, milhares de soldados norte-americanos, abastecidos com o armamento mais avançado do mundo, incluindo muitas vezes armas nucleares, estão estacionados em 61 bases militares 'complexas', instaladas em 19 países distribuídos por todo o mundo. Sendo que, se contabilizarmos qualquer tipo de instalação militar, o número de bases chegará até o número de "800." (JOHNSON, 2000, p.6 - 7)

Os norte-americanos, com uma ampla visão política e econômica, concretizaram o seu império sobre a principal fonte de produção de petróleo no mundo, o Oriente Médio, e até hoje existe essa ligação. Os Estados Unidos, com o Plano Marshall⁸, apadrinharam a reconstrução dos países europeus e do Japão. O Fato de o dólar ser a moeda mundial também ajudou nessa constante crescida.

Desde então, o espírito competitivo forjado no povo americano conduziu a nação à condição de superpotência mundial. A economia americana é algo simplesmente exagerado, o que os demais países não possuem nem de longe. Para se ter uma idéia, apenas o déficit na

⁸Plano Marshall foi Programa de recuperação europeia lançado em 1947 pelo secretário de Estado norte-americano George C. Marshall, com o objetivo de reconstruir, com a ajuda financeira dos Estados Unidos, a economia da Europa Ocidental arruinada pela Segunda Guerra Mundial. (SANDRONI, 1999, p.469)

balança comercial americana é maior do que o PIB de muitos países. Se algo grave ocorrer com a economia americana, não só o Brasil, mas praticamente todo o mundo será dramaticamente afetado, pois eles representam uma grande parcela econômica mundial.

Tanto antigamente como em nossos dias atuais percebemos que os EUA, de certo modo, dominam o mundo e muitos países estão estritamente ligados aos poderes americanos e aos benefícios que esse mercado pode ou poderá trazer.

A Segunda Guerra Mundial resultou numa enorme destruição de infra-estruturas e populações por toda a Eurásia, do Atlântico ao Pacífico, da qual praticamente nenhum país saiu ileso. A única grande potência industrial do mundo a emergir intacta – e até bastante reforçada, de uma perspectiva econômica – foram os Estados Unidos, que avançaram rapidamente para consolidar sua posição. (WALLERSTEIN, 2004, p.22)

É com essa afirmação que Wallerstein inicia sua tese sobre a hegemonia estadunidense e posteriormente o seu declínio.

A hegemonia norte-americana iniciou-se por volta de 1873 quando a Grã-Bretanha começou a entrar em declínio com a recessão internacional que ocorria. Anos seguintes, os EUA, juntamente com a Alemanha, passam a crescer e a usufruir de uma fatia cada vez maior dos mercados mundiais. Com isso, os americanos passam a ser potência tanto no mar quanto no ar e, primeiramente, passam a produzir maior quantidade de aço e em seguida elevam a produção de veículos. Do outro lado, os alemães dominam o mercado terrestre com seus produtos químicos.

Ambos os países passam a possíveis sucessores do declínio do Reino Unido, porém uma vantagem americana era também a aliança que detinha tanto do lado econômico como do lado político com os britânicos. Wallerstein (2002) relata que quando os Estados estão perdendo sua hegemonia têm de se ajustar e buscar minimizar esse declínio, logo a única maneira que os britânicos encontraram para isso foi ligar seu destino ao poder hegemônico subsequente, ou seja, aliar a Grã-Bretanha aos Estados Unidos.

Os Estados Unidos sempre foram distantes do restante do mundo, principalmente da Europa e Wallerstein (2002) destaca isso. Os norte-americanos sempre se autodefiniram perante o planeta, porém as outras nações sempre mantiveram os EUA no centro das atenções, desde muitos anos atrás.

Indo ao encontro de alguns dos argumentos já expostos por Arrighi, Wallerstein (2002a *apud* COSTA, 2005, p.34) também demonstra que os EUA, ao final da segunda guerra mundial, emergiram com uma força absurda e com uma potência industrial jamais vista,

sendo isso uma ampla vantagem produtiva sobre todos os demais países e povos. O autor cita três razões para toda essa expansão e ascensão norte-americana:

- O esforço americano quanto à melhoria de sua capacidade de inovação tecnológica e produção;

- A isenção até 1914 de gastos militares, a mobilização bélica feita durante a guerra e a não destruição de sua infra-estrutura no período de guerra;

- A grande destruição da Europa e parte da Ásia durante a segunda guerra mundial.

Observamos que muitos argumentos de Wallerstein se encaixam com os argumentos de Arrighi e também com os fatos que já foram expostos ao longo desse capítulo. Fica claro então que os norte-americanos dominaram o mercado e a produção mundial nesse período, conseguindo assim impor suas atitudes e dominar as principais decisões econômicas durante pelo menos duas décadas.

Nesse período de glória norte-americana (entre 1945 até os anos 70) o que se pode destacar também é a onda de otimismo em todos os cantos do planeta. O cenário mundial ficou marcado como uma época de desenvolvimento econômico, tanto para o ocidente como para o oriente.

O mundo se deparou com transformações pós 1945. Surgiram alguns fatos marcantes e de suma importância na história mundial. Fatos como: o desenvolvimentismo; o Toyotismo – Fordismo; movimentos de libertação nacional; expansão capitalista das cooperações; novas instituições (FMI, ONU, OMC, Banco Mundial); dólar como meio de pagamento universal e também a hegemonia norte-americana.

Wallerstein (2004) destaca de que como havia superioridade nos produtos americanos, os mesmos necessitavam de procura e o plano Marshall veio com o intuito de resolver essa questão, sendo primeiramente na reconstrução da Europa Ocidental e posteriormente no Japão. Ainda expõe que não adianta ter superioridade produtiva se não há demanda efetiva para os produtos.

Os EUA tinham esse problema com a demanda de seus produtos e também necessitavam de uma ordem mundial estável. Como que eles resolveram essa questão? Wallerstein (2004) argumenta que a ordem mundial foi resolvida em duas esferas: primeiro se estabeleceu um conjunto de instituições interestatais (FMI, Nações Unidas, Banco Mundial) que os EUA podiam controlar politicamente e em segundo, porém não menos importante, ao acordo que se estabeleceu com a outra única grande potência militar do pós-guerra, a União Soviética. Os problemas foram resolvidos na conferência de Yalta em 1945.

O acordo de Yalta, concebido durante mais de uma década, tinha basicamente três cláusulas. Primeiro, o mundo seria dividido *de fato* em uma zona norte-americana (a maior parte do mundo) e em uma zona soviética (o resto), sendo a linha divisória o local onde as respectivas tropas estavam estacionadas quando a segunda Guerra Mundial terminou. Segundo, a zona soviética podia, se o desejasse, reduzir ao mínimo as transações comerciais com a zona norte-americana até ter fortalecido a sua própria maquinaria produtiva, mas isto implicava em contrapartida que não devia esperar que os Estados Unidos contribuíssem para a sua reestruturação econômica. Terceiro, ambos os lados tinham liberdade – eram até mesmo encorajados – para se envolver reciprocamente em uma vigorosa retórica hostil, cuja principal função parecia ser consolidar o controle político dos Estados Unidos e da União Soviética sobre as respectivas zonas. (WALLERSTEIN, 2004, p.55,56)

Porém, esse acordo também gerou alguns descontentamentos para aqueles que ficaram de fora. Foram os casos dos países de Terceiro Mundo, alguns grupos mais desfavorecidos do Ocidente e os Estados-satélite soviéticos da Europa Central e do Leste. Países como China, Vietnã, Hungria e Cuba entraram com força contra os EUA. “Estas sucessivas erupções colocavam problemas à ordem mundial dos EUA e, na verdade, também à União Soviética. Mas eram murros no estômago de um pugilista forte; os murros podiam ser absorvidos, e eram.” (WALLERSTEIN, 2004, p.56)

O que começou a sangrar o império estadunidense foi a Guerra do Vietnã⁹, que iniciou um abalo em termos das finanças, moral e de vidas. O grande golpe contra os americanos vem na década de 1960 quando há a recuperação e florescimento da Europa Ocidental e do Japão, pois passaram a recuperar seus mercados internos e assim a competirem com os EUA. Toda a vantagem que os norte-americanos possuíam foi se esgotando, tendo como exemplo a queda de alguns setores importantes: aço, automóveis e eletrônica. Na próxima seção será detalhado essa perda de poder americano e o declínio dos Estados Unidos como potência mundial e líder absoluto econômico.

Tendo em vista o exposto, Wallerstein (2004, p.54) destaca que a época dos EUA foi marcada pelo ciclo de Kondratieff¹⁰. Explica que o período de 1945 até 1970 foi a fase A desse ciclo, ou seja, a fase de expansão econômica com uma curva ascendente e a fase B que representa a curva descendente, ou seja, período de contração econômica que existe após 1970 até os dias atuais. O autor opina que essa fase B ainda pode continuar por vários anos.

⁹ A Guerra do Vietnã “foi o esforço do povo vietnamita para acabar com o domínio colonial e estabelecer seu próprio Estado”. Eles lutaram contra franceses e norte-americanos e no final acabaram vencendo a batalha, o que foi visto como um grande feito. (WALLERSTEIN, 2004, p.25)

¹⁰ Wallerstein (2004, p.54) “A fase A do ciclo foi aquilo a que os franceses chamaram, muito apropriadamente, “lês trente glorieuses” [os trinta (anos) gloriosos]. Coincidiu com o ponto alto da hegemonia dos Estados Unidos no sistema-mundo e ocorreu no contexto de uma ordem mundial estabelecida pelos Estados Unidos depois de 1945.”

3.3 Declínio da Hegemonia Norte-Americana

“O Estados Unidos são uma potência hegemônica em declínio.” (WALLERSTEIN, 2004, capa)

Os norte-americanos também passaram e passam por dificuldades e alguns analistas acreditam que todo esse poder pode estar sendo abalado mais ainda após o atentado terrorista que derrubou as torres gêmeas em Nova York, em 11 de setembro de 2001.

“O período de 1900 a 2025/2050 será muito provavelmente desprovido de paz, estabilidade e legitimidade. Isto será consequência, em parte, da perda pelos Estados Unidos de sua condição de potência hegemônica do sistema internacional. (WALLERSTEIN, 2002, p.34)

Os Estados Unidos, até então eram ricos e inabaláveis, um exemplo do capitalismo moderno, possuíam grandes estruturas políticas e econômicas. Tudo que poderia ocorrer no mundo seria solucionado por esse país.

Mas, seguindo com os argumentos de Immanuel Wallerstein (2004), a Guerra do Vietnã realmente deixou seqüelas no poder americano. Com esse conflito os Estados Unidos tiveram suas reservas de ouro praticamente esgotadas que até então era abundante desde meados dos anos 40.

A Guerra do Vietnã comprovou de forma contundente e dramática que o poder militar dos Estados Unidos, por maior que fosse, tornara-se praticamente inútil para alcançar seus objetivos políticos. O acesso a mais moderna tecnologia, armas eletrônicas e outros sofisticados e misteriosos petrechos militares, era importante, dava-lhes ilimitada capacidade de destruição, mas não bastava para garantir o triunfo sobre forças que viviam na mais perfeita simbiose com a natureza e sobreviviam nas condições mais primitivas. (BANDEIRA, 2006, p.289)

Os Estados Unidos poderiam devastar o Vietnã com sua força militar e armas nucleares, mas poderiam estar no futuro se autodestruindo também. A vitória seria uma derrota. E completa: “Bigger and Bigger “victories” not only hasten the total destruction of South Vietnamese society, but some time in the predictable future the quest for victory will produce a grievous defeat for American forces¹¹”. O autor se refere que a destruição, às vezes, pode causar sérias consequências a própria estrutura do destruidor, nesse caso, abalar as forças americanas no futuro. Seria como destruir o Vietnã e a si mesmo.

¹¹ Informação retirada de Bandeira (2006), a citação, em inglês, é do coronel William Corson (1968, p.264)

Isso ocorria em uma época de expansão de outros países: a Europa e o Japão se recuperavam e retomavam suas fortes condições econômicas. As forças começavam a se equivaler, ora um mais forte, ora outro. A superioridade suprema dos EUA estava sendo colocada a prova.

Temos mais alguns sintomas desse início de declínio estadunidense: (COSTA, 2005)

- Como já dito, maior competição entre países fortes;
- A instabilidade monetária que atingia o país norte-americano;
- Com a ascensão de outros centros, os EUA perdiam a autoridade nos mercados financeiros internacionais;
- Crise fiscal do país hegemônico;
- Enfraquecimento da polarização e da tensão política mundial;
- Queda no apoio incondicional da população pela manutenção do poder hegemônico.

Assim os americanos trabalhavam arduamente para não perder o posto “Número 1” do mundo e manter as vantagens econômicas que detinham ao longo dos anos anteriores. Com a expansão, a Europa e o Japão, os aliados dos Estados Unidos, foram aos poucos saindo da tutela política para ocupar um lugar em maior destaque no cenário internacional, mesmo ainda coibidos pela ajuda que lhes foram prestadas anteriormente.

Os EUA então propõem uma maior participação na elaboração de políticas internacionais, mais ainda assim os norte-americanos procuravam manter a relação de soberania e o controle político sobre esses países. Isto foi chamado de “trilateralismo” e Wallerstein (2004) definiu como uma tentativa de impedir que a Europa Ocidental e o Japão adquirissem autonomia política, onde os EUA ofereciam essa parceria subalterna nas decisões mais relevantes.

Wallerstein (2004) relembra outro fator chave para que os estadunidenses comecem a perder seu poder absoluto, é que no início dos anos setenta a economia-mundo entra em um período de estagnação. A estagnação da economia provoca uma queda dos lucros alcançados na produção em relação à fase anterior de ascensão, a fase A do ciclo. Um trio de consequências advindos desse problema que podem ser observados no início dessa década:

1. O deslocamento de capital, as pessoas passam da esfera produtiva para a esfera financeira na busca de lucros;
2. O aumento do nível de desemprego mundial;
3. Modificação nas localizações de produção.

Porém, o fato mais marcante desse período (1970) e que Wallerstein (2004) não deixa passar batido é quando a OPEP aumenta o preço do petróleo. Simplesmente de uma hora para

outra os principais produtores de petróleo elevam consideravelmente o preço do produto no mercado internacional e assim fortalecem o cartel. O efeito desse aumento foi logo sentido a nível mundial, os preços de quase todos os outros produtos foram subindo, o petróleo atinge praticamente toda a cadeia produtiva, sendo de maneira direta ou indireta.

O preço do barril de petróleo subiu de US\$ 2,90 para US\$ 11,65 em apenas três meses (setembro a outubro). Afetou tanto a Europa e Japão como, particularmente, os Estados Unidos, pois o consumo pulou de 3,2 milhões de barris diários para 6,2 milhões diários, sendo isso o período de 1970 até 1973. Quem acabou ganhando com isso foi à Arábia Saudita que aumentou sua exportação mundial em quase de 10% nesses mesmos anos. (BANDEIRA, 2006, p.325)

Por um lado esse aumento beneficiava os “chefes”, quer dizer, os produtores de petróleo e os conglomerados petrolíferos ocidentais (detinham o refino e a distribuição mundial do produto) que aumentavam suas receitas e por outro lado os “empregados”, ou seja, os não produtores de petróleo tiveram que se deparar com um efeito devastador. (WALLERSTEIN, 2004, p.60)

Já na década seguinte, em 1980, surge a “crise da dívida”. Essa crise foi para Wallerstein (2004, p.61) instaurada “quando o governo de Gierek, na Polônia, tentou resolver os seus problemas de dívidas espremendo a classe trabalhadora”. Ainda diz que como muitos acreditam essa crise não se iniciou em 1982 quando os mexicanos não puderam pagar a sua dívida. Nesse momento termina o colapso dos comunismos e para ele essa crise da Polônia foi o ponto onde isso se iniciou.

Os Estados Unidos ficaram aturcidos e perplexos com o súbito colapso, incertos sobre como lidar com as conseqüências. O colapso do comunismo significava, com efeito, o colapso do liberalismo, ao eliminar a única justificação tacitamente sustentada pelo ostensivo opositor ideológico do liberalismo. Essa perda de legitimidade levou o Iraque a invadir o Kuwait, algo que Saddam Hussein nunca se teria atrevido a fazer se os acordos de Yalta permanecessem de pé. (WALLERSTEIN, 2004, p.29)

Os norte-americanos sofriam com sua dívida externa e perdiam poder hegemônico para outros países, estavam, nesse momento, concentrando-se mais em investimentos militares. Já os rivais (Europa Ocidental e Japão) concentravam-se em investimentos em tecnologia produtiva e assim expandiam-se em participações na economia global.

Há cinquenta anos, a hegemonia dos Estados Unidos no sistema-mundo baseava-se em uma combinação de eficiência produtiva que superava de longe qualquer nação rival, uma agenda política mundial que era calorosamente apoiada por seus aliados

na Europa e na Ásia, e uma superioridade militar. Hoje, a eficiência produtiva das empresas norte-americanas enfrenta forte competição, principalmente por parte das empresas dos seus aliados mais próximos. A agenda política mundial dos Estados Unidos já não é tão calorosamente apoiada e, muitas vezes, é claramente contestada, mesmo por seus aliados, especialmente depois do desaparecimento da União Soviética. O que resta, no momento, é sua superioridade militar. (WALLERSTEIN, 2004, p.211)

Pouco mais de dez anos passados, a euforia que fora gerado na pós-queda do muro de Berlim contrastou com um pessimismo geral, estava surgindo uma crise quanto à confiança na economia americana. Isso deu-se devido há alguns fatos marcantes na historia mundial como, por exemplo, os ataques terroristas contra as torres gêmeas, uma política externa agressiva adotada pelo presidente George Bush e ao declínio da hegemonia norte-americana.

Esse fato marcante na história global e sem sombra de dúvida, principalmente, para os norte-americanos foi o atentado de 11 de setembro de 2001. Foi algo que ninguém poderia imaginar que chocou tanto os americanos como o resto do mundo.

Bandeira (2006) explica como ocorreu esse fato inusitado:

No dia 11 de setembro de 2001, nove meses após a inauguração do governo de George W. Bush, terroristas islâmicos, como não dispunham de outras armas, seqüestraram aviões de passageiros, que partiram de aeroportos nos Estados Unidos, e converteram-nos em mísseis, arremetendo-os contra as duas torres gêmeas de World Trade Center, em nova York, e contra o Pentágono, em Washington. O presidente George W. Bush recebeu a notícia impassivelmente [...] e sua primeira reação, como se não se surpreendesse, foi dizer “the incident must have been caused by pilot error”. (BANDEIRA, 2006, p.638)

Conforme o que foi pronunciado pelo presidente na época, o incidente havia sido causado por um erro do piloto e nada mais. O que realmente não ocorreu e momentos depois o próprio Bush já percebia que algo muito mais grave estava acontecendo. Disse que os Estados Unidos tinham sofrido uma agressão.

Isso acabou mexendo com a situação dos Estados Unidos, muitas pessoas morreram (quase 3.000) e assim o presidente declarou guerra sem nem saber contra quem seria. Seria um conflito do bem contra o mal e a imprensa norte-americana noticiava que eles estavam em guerra. (BANDEIRA, 2006, p.638)

Wallerstein (2004, p.31) afirmou que esse ataque impôs aos Estados Unidos um grande desafio de poder e que as pessoas responsáveis pelo fato não representavam potência militar e sim uma força não estatal. Tinham algum dinheiro, muita fé, um bando de seguidores dedicados e determinados a atingir os objetivos traçados, mas que na verdade não eram nada

militarmente. Bush afirmava ao mundo guerra aos terroristas, “ou estão conosco ou estão contra nós”

Esses terroristas eram árabes sauditas e de outras nacionalidades, eram todos membros de uma rede internacional espalhados pelo mundo. “Tratava-se de um inimigo difuso, disperso, que recorreu ao terrorismo, mesmo à custa da própria vida, suicidando-se, porque não dispunham de mísseis e outras armas para atacar os Estados Unidos”. Logo após o atentado, o governo americano identificou os terroristas e, entre os 19 seqüestradores 15 eram sauditas. O acusado de ser o mentor e chefe de toda essa operação foi Usamah Bin-Ladin, um poderoso e milionário saudita. (BANDEIRA, 2006, p.638)

Então como que alguns terroristas conseguiram causar tanto estrago ao país mais poderoso do mundo, com tantos recursos e status?

Uma possível resposta é que os Estados Unidos faziam a cada dia mais inimigos, e assim criavam “revoltados” em toda a parte do mundo. Pensando como a maior potência do mundo e querendo estar em todos os cantos do planeta, esqueceram de cuidar de si mesmo e que, mesmo possuindo tantas vantagens, eram e são vulneráveis. Ninguém poderia prever que algumas poucas pessoas pudessem ter a audácia e coragem de enfrentá-los, porém isso ocorreu e causou grandes seqüelas a todo o povo norte-americano. E ocorreu de uma maneira “fácil”, sem armas, sem guerra, sem anúncios. Colidindo um avião da própria nação contra o coração do país.

Após esse episódio vimos os ataques contra Iraque, Afeganistão e outros países mulçumanos. Queriam assegurar as fontes de petróleo, bloqueando o acesso da China. Era preciso remover os sistemas de apoio ao inimigo e miraram como o alvo inicial o Iraque. Era a guerra dos Estados Unidos contra os países do Oriente Médio, que não aceitavam a sua hegemonia mundial.

Corremos o risco de perder algo muito mais importante do que a guerra no Iraque. Corremos o risco de perder os Estados Unidos como instrumento de inspiração e de autoridade moral no mundo. Nunca vi, em toda a minha vida, uma época em que os Estados Unidos e seu presidente fossem tão odiados em todo o mundo quanto hoje. [...] [A] guerra ao terrorismo é uma guerra de idéias, e para termos a mínima chance de vencer precisamos manter a credibilidade de nossas idéias. [...] Não podemos vencer sozinhos a guerra de idéias contra [quem atingiu em 11 de setembro]. Só os árabes e mulçumanos podem. [...] Mas é difícil fazer parceria com alguém quando se é tão radioativo que ninguém quer se aproximar. (THE NEW YORK TIMES, 6/5/2004 *apud* ARRIGHI, 2008, p.196)

Essa afirmação exposta acima deixa claro o que estava ocorrendo e o receio americano perante as outras nações do mundo. Eles estavam ficando sozinhos e assim ninguém consegue obter êxito.

Não podemos mencionar que os EUA não são mais uma superpotência ou uma nação soberana no mundo, mas já se percebe um isolamento. Samuel Huntington (2000) (cientista político da universidade de Harvard) expõe essa visão como “uma superpotência solitária”. Acredita que, após a queda do muro de Berlim, os Estados Unidos deveriam se tornar uma “superpotência benevolente”, mas passaram a adotar políticas que são consideradas “invasivas, intervencionistas, exploradoras, unilaterais, hipócritas e injustas”.

Os Estados Unidos estão cada vez mais se isolando do resto do mundo, eles vêm percebendo que estão ficando solitários no âmbito de parceiros, contam com raros aliados, em oposição à maior parte de povos do mundo, as nações passam a desconfiar deles.

Immanuel Wallerstein (2004, p.25) acredita que esse processo é captado por quatro símbolos: a Guerra do Vietnã, as revoluções de 1968, a queda do Muro de Berlim em 1989 e os atentados terroristas de setembro de 2001. Cada símbolo se ergueu sobre o anterior, culminando na situação em que os Estados Unidos se encontram hoje: uma superpotência solitária, que carece de verdadeiro poder, um líder mundial que ninguém segue e poucos respeitam e um país que flutua perigosamente em meio ao caos global que não pode controlar.

A expansão do comércio mundial juntamente com o desenvolvimento da produção faz com que se repita a crise hegemônica. Assim como com as hegemônias da Holanda e Grã-Bretanha, as expansões sistêmicas ocorreram e fizeram com quem os norte-americanos sentissem. Essa crise hegemônica tem se caracterizado por alguns fatores que Arrighi diferenciou como: uma intensificação da concorrência entre grandes potências; por o Estado hegemônico estar em declínio devido ao conflito social, surge novas forças de poder; e por fim uma expansão financeira sistêmica.

Arrighi (1996) mostra que as pressões competitivas sobre as organizações aumentaram devido à expansão material que ocorreu entre as décadas de 1950 e 1960. Houve uma fuga de capital para a área financeira, retirando-se assim da produção e comércio.

Essa expansão financeira é um dos sinais que o mundo está atravessando mais uma crise hegemônica. (ARRIGHI e SILVER, 2001 *apud* COSTA, 2005, P.63)

Estamos, de novo, observando o que Arrighi expôs na sua figura de ciclo hegemônico. Ocorre a expansão sistêmica, os conflitos sociais e o surgimento de novas configurações de poder. Se o ciclo permanecer, futuramente, teremos a ruptura dos americanos e o surgimento de outra fonte de poder. E quem sabe está nova potência não seja na Ásia, ou melhor, na China? Isso só o tempo poderá responder com exatidão.

Arrighi (1996) afirma que os Estados Unidos sofreram entre 1968 e 1973 de três maneiras distintas, militarmente, financeiramente e ideologicamente.

Militarmente, o exército norte-americano entrou em dificuldades cada vez mais sérias no Vietnã; financeiramente, o Sistema da Reserva Federal dos Estados Unidos verificou ser difícil e, depois, impossível preservar o modo de emitir e regular o dinheiro mundial estabelecido em Bretton Woods; e, ideologicamente, a cruzada anticomunista do governo norte-americano começou a perder legitimidade no país e no exterior. A crise teve uma deterioração rápida e, em 1973, o governo norte-americano havia recuado em todas as frentes. (ARRIGHI, 1996, p.310)

O autor deixa claro que ainda não estamos totalmente certos de que está ocorrendo essa troca de poder, há alguns acontecimentos por vir antes de dizer que houve a transição hegemônica. Ele cita outros autores e demonstra que a troca de guarda no alto comando da hegemonia mundial reflete em uma vitória da nova força mundial sobre a antiga. Seria um início de um novo estágio de desenvolvimento e mudanças na liderança dos processos de acumulação de capital.

Por fim mostra que isso ainda não aconteceu. Porém o que já é visto é a substituição da região antiga (EUA) por uma região nova (leste da Ásia) como centro dos processos de acumulação de capital em escala global (ARRIGHI, 1996, p.344).

Existem fatores dos quais Arrighi (2008) parte para argumentar que os EUA iniciaram uma crise sinalizadora da perda de hegemonia nos anos 70. O primeiro dele se refere às quedas de lucratividade – tanto pela intensificação da concorrência intercapitalista quanto pelas crescentes insurreições populares na busca pelo pleno emprego e por maiores salários. O segundo faz menção à Guerra do Vietnã, onde os EUA perderam muito tanto, em termos econômicos quanto em termos políticos, uma vez que se começou a questionar a legitimidade dos EUA como polícia do mundo. Em terceiro lugar, e relacionado intimamente com os dois primeiros, está à industrialização de países periféricos após a 2ª Guerra Mundial.

A perda em termos econômicos dos EUA na Guerra do Vietnã foi tão significativa, que demandou uma nova ordem monetária internacional, denominada por Arrighi de contra-revolução monetarista. O regime cambial passou a ser muito mais flexível, estimulando a financeirização do capital produtivo internacional. O dólar passou a ser a moeda âncora internacional sem paridade alguma, o que possibilitou uma desvalorização acentuada deste meio de troca. Arrighi explica a crise do petróleo dos anos 70 justamente como uma reação do terceiro mundo ao acirramento da competição com os produtos dos EUA, que passaram a ser mais baratos internacionalmente. Além disso, a fartura de liquidez internacional que veio com a financeirização e a liberalização do fluxo de capital acabaram por gerar pressões inflacionárias fortíssimas em grande parte das nações, fossem elas desenvolvidas ou não.

A Guerra do Iraque apresenta-se como uma possibilidade de redenção para Bush, que assumira numa conjuntura de estouro da bolha da informática no mercado financeiro e de incertezas incontáveis no futuro da nação mais poderosa do mundo. Sendo assim, os ataques de 11 de setembro dão para Bush um horizonte de ação e, principalmente, criam um consentimento popular para a tomada de medidas aparentemente impopulares. Cria-se então o “Projeto para o Novo Século Americano”. O projeto visava manter a hegemonia estadunidense, resgatando intervenções militares territoriais diretas, nos moldes do imperialismo clássico encabeçado pela Grã-Bretanha no final do século XIX e início do século XX. (ARRIGHI, 2008)

No âmago do projeto estava logicamente a intervenção no Iraque. A partir disso, Arrighi realiza a comparação das duas guerras para mostrar quais são suas semelhanças e diferenças, procurando enfatizar o fracasso ainda maior da empreitada atual.

Em primeiro lugar, a comoção nacional sequer foi necessária para que os EUA invadissem o Vietnã, a despeito da retórica anticomunista utilizada. Os EUA gozavam de prestígio internacional muito maior. O fato de o Conselho de Segurança da ONU ter rejeitado a intervenção é revelador.

Outro ponto que deve ser mencionado é que, no Iraque, os EUA não enfrentam mais um exército, já que os fundamentalistas agem à paisana, e isso confunde demasiadamente as estratégias militares. Como diz Arrighi (2008), “os rebeldes iraquianos não dirigem veículos blindados, não têm larga experiência em guerrilhas, nem gozam do apoio de uma superpotência como a União Soviética. Ao mesmo tempo, e em consequência de não haver um exército como inimigo direto, aumentam tanto as baixas civis e as baixas do próprio exército estadunidense”.

A outra vertente da crise de hegemonia atual norte-americana se dá no aspecto econômico. Segundo Arrighi (2008), Bush nunca foi entusiasta da globalização, e isso não é tão injustificado quando se observa que o déficit em transações correntes dos EUA desce vertiginosamente. É ainda mais preocupante para o governo estadunidense observar que grande parte dos credores da dívida norte-americana são os países do leste asiático, sobretudo a China.

Arrighi (2008) cita então que os EUA viviam no final do século XX um círculo virtuoso de crescimento. O país era o responsável por coordenar as políticas mundiais de globalização e era reconhecido como potência político-militar indispensável. Ademais, possuía apoio internacional suficiente para financiar estas duas incumbências. Entretanto,

Arrighi salienta que se qualquer dos pilares fosse modificado, a simbiose entre estas duas transformaria o círculo virtuoso em círculo vicioso.

Diante da sinuca em que se encontrava Bush no início de sua administração, o autor aponta e discorre sobre as possibilidades que lhe surgiram à época para enfrentar a guerra no Iraque e os outros desafios da economia estadunidense. As alternativas eram: elevar os impostos – descartada, pois a redução dos tributos havia sido uma das principais bandeiras da campanha de Bush – realizar empréstimos no exterior – possível, porém pouco desejável, uma vez que os recursos eram limitados. A saída escolhida por Bush baseou-se em utilizar as vantagens de o dólar ser a moeda de circulação internacional padrão e elevar a senhoriagem¹². O plano era financiar a guerra com moeda norte-americana e, a partir do momento em que o dólar perdesse muito de seu valor frente outras moedas, reduzir a dívida a proporções muito menores que aquele utilizado. Seria uma espécie de calote tácito na dívida, por meio da desvalorização do dólar. (ARRIGHI, 2008)

Acontece que o momento da economia mundial atual pode levar o dólar a perder sua hegemonia diante de tamanha desvalorização, e não ser mais a moeda oficial das trocas internacionais. Arrighi ainda exclui a possibilidade de os EUA elevarem violentamente sua taxa de juros, como haviam feito para enfrentar a crise da década de 70. Isso porque a recessão econômica interna seria muito mais forte, e sem qualquer garantia de recuperação como acontecera no governo Reagan. (ARRIGHI, 2008)

Hoje, os Estados Unidos já não têm a posição moral como antes. As dúvidas começam a surgir: o dólar deixará de ser moeda universal? Há uma nova moeda internacional? Arrighi (2008) faz essa observação e ainda diz que a perda de hegemonia não se refere à queda do país, no *status* de rico e poderoso. Pode-se dominar sem ser hegemônico e é assim que ele segue o debate em sua obra, fazendo menção à dominação sem hegemonia e referindo-se ainda a respeito da moeda mundial e a dificuldade em mudá-la, pois os Estados Unidos ainda tem fôlego.

As empresas norte-americanas que eram inabaláveis passam por dificuldades, por exemplo, a General Motors que perdeu competitividade em contraposição às empresas orientais como Honda e Toyota, que obtiveram crescimento. Arrighi (2008) diz que é uma

¹² Em termos mais específicos, isto é, quando relacionada com a emissão de moeda, a senhoriagem é a receita obtida por aqueles que têm o poder de emitir, decorrente da diferença entre o valor de face da moeda e seu custo de produção, que inclui o valor do metal correspondente (ouro, prata, bronze etc.) e o trabalho de cunhagem propriamente dito. Nos períodos históricos em que o valor de face da moeda correspondia ao seu conteúdo material em metal, a senhoriagem abarcava apenas os custos de cunhagem (nesse caso, denominava-se *braceagem*) que até o século XVII eram relativamente elevados. (SANDRONI, 1999, p. 551)

tentativa de reorganização capitalista, uma reestruturação mundial. Mudança de foco para o leste asiático.

Para completar esse declínio uma afirmação chama bastante atenção: “Os Estados Unidos ainda constituem a maior força relativa mundial. Mas eles não podem deter o seu declínio”. (THEOTONIO DOS SANTOS *apud* COSTA, 2005, p.5)

3.4 Crise Financeira Mundial

Hoje, através de reportagens diárias que surgem nos meios de comunicação, percebemos que os Estados Unidos ainda são a maior economia do mundo. Não obstante, durante o último ano sofreram uma forte recessão. A chamada crise imobiliária foi se alastrando devido ao calote que as pessoas davam aos bancos e assim não pagavam suas dívidas. Os bancos não suportaram esse grande choque e assim o perigo começou a crescer e a economia entrar em perigo. As bolsas estavam caindo diariamente.

Bancos, na visão de Krugman, são definidos pelas funções. E assim o autor destaca que “o atributo básico dos bancos é a promessa de disponibilidade imediata do dinheiro para os clientes depositantes, mesmo quando os banqueiros investem boa parte desse dinheiro em ativos que não oferecem liquidez imediata. E completa dizendo que “os bancos são altamente regulados; precisam de reservas líquidas, dispor de capital substancial e ainda pagar as despesas do sistema de garantia de depósitos”. (KRUGMAN, 2009, p.166-7)

Essa crise financeira inicia-se nos Estados Unidos como uma falta de pagamentos de hipotecas e a partir daí se expande para os demais países do planeta. Os bancos estadunidenses estavam acumulando perdas atrás de perdas, chegando a valores bilionários e alguns chegam até a falência.

Esse processo de crise do *boom* habitacional começou a tomar forma, mesmo que ainda não sendo percebido, no terceiro trimestre de 2005. Porém, ficou mais evidente na metade do ano seguinte. Os preços estavam caindo, primeiramente, lento e depois com velocidades maiores. Em apenas 12 meses os preços de moradia caíram de 3% para mais de 15%. (KRUGMAN, 2009, p.174-5)

There are two causes of the business cycle. One is financial and the other is real. The financial cause is the expansion of money and credit by the banking system. This monetary expansion lowers interest rates so that banks can loan out the extra money. Low interest rates induce a greater investment in and purchase of real estate. The real side of the business cycle is this increase in construction and in real estate speculation. (FOLDVARY, 2008, p. 2)

Foldvary, na citação acima, refere-se a duas causas no ciclo econômico, uma delas é financeira e a outra real. Explica que a financeira é a expansão de moeda e crédito no sistema bancário e que isso reduz as taxas de juros de modo que os bancos possam emprestar o dinheiro extra, baixas taxas de juros induzem um maior investimento e compra de imóveis. Já o lado real do ciclo de negócios é o aumento na construção e na especulação imobiliária.

As causas imediatas da crise financeira foram um boom de crédito irracionalmente exuberante combinado com uma engenharia financeira que (i) conduziu à criação de complexos instrumentos financeiros considerados confiáveis, cujas características de risco eram subestimadas ou não compreendidas, e (ii) alimentou um boom habitacional que se transformou numa bolha de preços de imóveis e (iii) conduziu a uma insustentável compreensão do prêmio de risco em escala mundial (GONTIJO & OLIVEIRA, 2009, p. 51).

O mesmo autor afirma ainda que a condição para a “bolha” prosseguir e continuar sustentando o “paraíso do consumo” que os americanos desfrutavam, era a de que os valores dos imóveis continuassem ascendentes, mas, ao contrário, seus preços, em meados de 2006, embicaram para baixo e o castelo desmoronou, deflagrando a crise.

Os especialistas no assunto dizem que uma recessão econômica, caracterizasse por um período em que as economias de países ou regiões deixam de crescer, ficam estagnadas. Assim as atividades industriais e comerciais se reduzem, a produção cai e automaticamente o consumo também não permanece igual. As pessoas param de comprar com medo de se endividar, não existe mais uma segurança no emprego, os empresários necessitam cortar gastos, pois produzem menos e com isso aumenta o índice de desemprego e os salários caem.

Essa crise é a mais séria dos últimos anos. No Brasil, por exemplo, a Bolsa de Valores de São Paulo sentiu esse golpe, apresentou quedas constantes e os investidores se tornaram mais cautelosos e na dúvida se investem ou não no país. Acaba crescendo como uma bola de neve e atingindo os demais países do globo terrestre, pois o medo do futuro é para todos. Os próprios norte-americanos sentiram na pele a queda da bolsa e o índice Dow Jones apresentou uma forte queda.

Essa queda, como podemos ver na figura 5, começa no fim de 2007 e se acentua muito no ano seguinte, tendo uma disparada decrescente na segunda metade do ano de 2008. Resultado, principalmente, da crise imobiliária norte-americana.

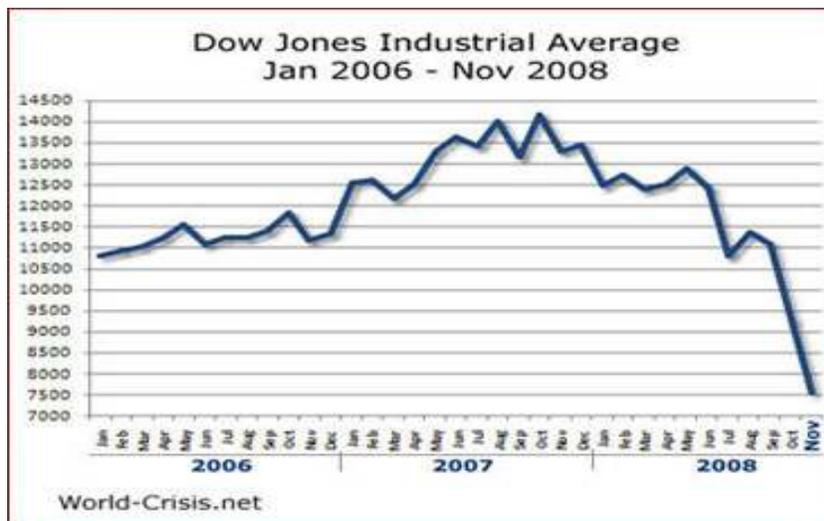


Figura 5: Índice Dow Jones de 2006 a 2008
Fonte: <http://world-crisis.net>

Os empréstimos subprime¹³ na sua maioria não são concedidos pelos bancos e sim pelos agentes que em curto espaço os repassam para as instituições financeiras. O primeiro grande momento da crise ocorre em 2007 quando os problemas desse tipo de empréstimo se agravaram. Os cotistas mais importantes, aqueles com classificação AAA (melhor índice de classificação pela agência de classificação de crédito) seriam os primeiros a resgatar as suas cotas e os demais ficariam com o restante. (KRUGMAN, 2009, p.175-6)

Os imóveis estavam sobrevalorizados, em até 50%, e os preços necessitariam cair em um terço. Quem tivesse comprado um imóvel no pico dessa bolha imobiliária, mesmo pagando 20% de entrada, estaria com seu patrimônio líquido negativo em relação a esse imóvel, porque seu valor de mercado será inferior ao saldo devedor do empréstimo hipotecário. Começa a surgir o perigo da inadimplência e o autor mostra alguns quesitos que podem levar a esse fim como a perda do emprego, despesas com saúde, divórcio, etc. Fatores que fariam com que os mutuários deixassem de pagar seus empréstimos hipotecários. Começava a ficar exposto que os emprestadores perderiam dinheiro, e muito. (KRUGMAN, 2009, p.177)

¹³ Segundo Carvalho (2008) *subprime* refere-se às pessoas que não possuem garantias ou histórico que justifique o empréstimo. É a segunda linha dos empréstimos, são indivíduos que estão fora do mercado por desqualificação, o risco de empréstimo se torna mais alto.

Krugman (2009) alerta que algumas loucuras começaram a ocorrer nos mercados financeiros. As taxas de juros dos títulos do Tesouro dos Estados Unidos¹⁴ caíram para quase zero, pois os investidores só dispunham, com segurança, disso para comprar. No final de 2008, o crédito do consumidor também desaparece. Os cartões de créditos reduzem os limites e não aceitam novos clientes, os consumidores norte-americanos estavam ansiosos.

Quando acaba o crédito e a confiança, outros fatores também surgem, o dinheiro para circular, quem tem não empresta e os que não têm, ficam em situação pior ainda. A economia se contrai e as pessoas e empresas passam a encontrar muitas dificuldades no âmbito financeiro.

Para conter esse grande colapso e acalmar os ânimos dos mercados financeiros, o então presidente americano Bush anunciou um pacote de ajuda de aproximadamente US\$ 400 bilhões¹⁵ e o Banco Central americano, o FED¹⁶, promoveu um corte inusitado e histórico na taxa básica de juros da economia, passando de 5,25% para 4,75%. No fim de 2007 a taxa chegou a atingir a marca de 4,25%, depois de mais dois cortes seguidos. Já no ano seguinte o Banco Central norte-americano reduziu mais ainda sua taxa básica de juros, chegando a atingir o 3%. A intenção do governo era estimular o consumo e a movimentação do dinheiro, pois não era negócio as pessoas deixarem o dinheiro parado, rendendo. Assim o FED atinge o objetivo de acalmar o mercado e estimular um possível aumento no consumo. (GONTIJO & OLIVEIRA, 2009)

Porém, a confiança estava abalada e a liquidez se tornava mais restrita no sistema em geral. O mercado tinha se acalmado um pouco, mas em meados de 2008 alguns dos principais bancos de investimentos, empresas imobiliárias e seguradoras do mundo estavam em situação desesperadora. Instituições como *Bear Stearns*, *Lehman Brothers*, *American International Group*, *Fannie Mae* e *Freddy Mac*, deveriam ser vendidas, fechadas, sofrer intervenção estatal ou até mesmo decretar a falência. Assim a desconfiança e o medo se espalham no cenário americano e mundial.

Com a troca no poder e a nomeação do novo presidente da república norte-americana, as pessoas estavam com medo do que poderia ocorrer, medo de que essa próxima administração tentasse resolver militarmente a crise econômica e financeira.

¹⁴ De acordo com Krugman os títulos do governo norte-americano são a coisa mais segura do mundo.

¹⁵ Desses 400 bilhões, 64 bilhões de dólares eram do FED, 313 bilhões do Banco Central Europeu e 13 bilhões de dólares do banco do Japão. (GONTIJO & OLIVEIRA, 2009)

¹⁶ O Federal Reserve tem duas funções básicas: gerenciar as taxas de juros e, quando preciso, fornecer dinheiro aos bancos. O Banco Central americano gerencia as taxas de juros comprando ou vendendo no mercado títulos do governo dos Estados Unidos e assim eleva ou abaixa as reservas das instituições financeiras. (KRUGMAN, 2008, p.181)

Uma única outra situação que se assemelha a esta de crise mundial foi a famosa crise 1929. Nesse ano, ocorreu uma forte quebra da bolsa de NY, Wall Street caiu rapidamente e se espalhou por todo o planeta. Iniciou-se uma época de demissão em massa da população, pobreza, baixos lucros e uma crise de superprodução, havia muitos produtos e ninguém disposto a consumi-los, ou seja, a economia norte-americana estava quebrada, perdendo oportunidades de crescimento econômico e sem muitas perspectivas de melhoras. Uma causa básica para isso ter acontecido foi uma súbita perda de confiança no futuro econômica da nação.

O único jeito encontrado foi à intervenção estatal, o Governo decidiu intervir na economia para tentar solucionar a crise. Foi criado o “New Deal”, um conjunto de medidas econômicas. Assim o Estado começa a construir muitas obras públicas, investe bastante na cidade e as pessoas são recontratadas, voltam a ter salários e a poder consumir produtos.

Com isso, a economia começa a se estabilizar novamente e as ações passam a agir no seu nível natural, desaparecendo o cenário escuro de antes. Isso foi benéfico não só para os americanos, mas também para a população mundial que também sofria com esse colapso.

A semelhança dessas duas crises mundiais foi a intervenção do governo. Em ambas as ocasiões quem mais ajudou e investiu em busca da reconstrução e estabilização foi o poder estatal, ou seja, o governo norte-americano. Bilhões e bilhões foram gastos nas mais diversas tentativas de melhora até que a economia volte a entrar nos eixos novamente, e assim “andar com suas próprias pernas”.

Por fim, segue uma figura que retrata o ciclo de uma crise financeira na visão do Nobel de Economia, Paul Krugman (2009).

Krugman revela, na figura 6, o ciclo vicioso da crise financeira. Expõe que esse ciclo engloba algumas questões que foram discutidas, como os problemas que as empresas e famílias têm e assim perdem a confiança no mercado que por sua vez desaquece pela queda da atividade econômica das pessoas.

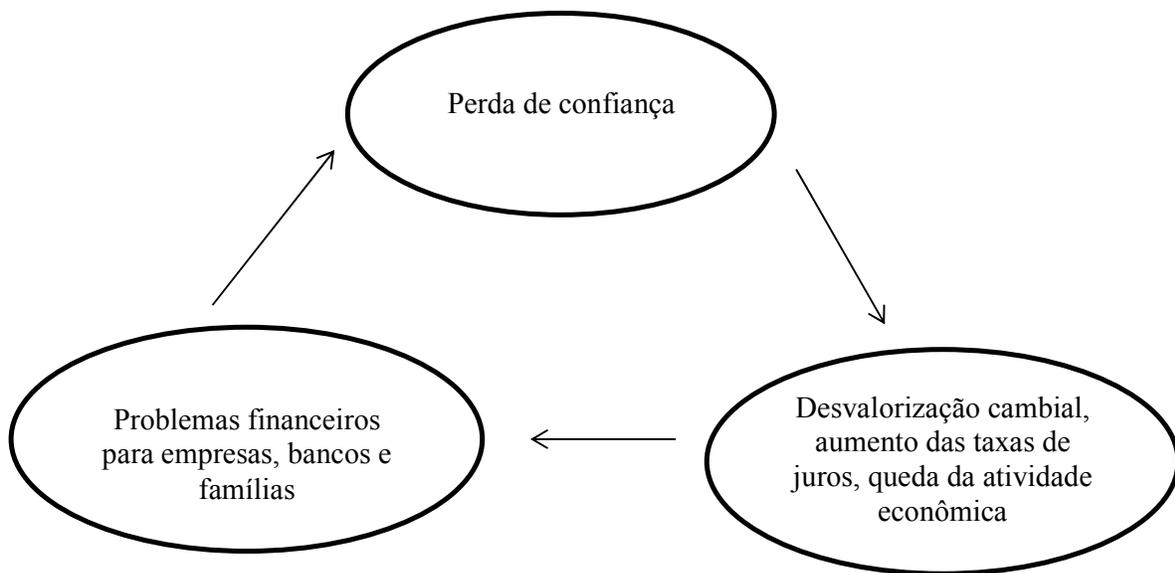


Figura 6: O ciclo vicioso da crise financeira
Fonte: (KRUGMAN, 2009, p.92)

O próximo capítulo abordará o Leste Asiático e a China em especial, mostrando sua ascensão no cenário mundial e como esse país vem se destacando. Seria possível a hegemonia mundial se transferir para o Oriente, propriamente dito para a China?

4. A CHINA E O LESTE ASIÁTICO

Esta seção do trabalho procura demonstrar o cenário asiático, focado especialmente na China, seu crescimento a nível mundial e a possível próxima hegemonia global. Antes das análises, serão expostos os principais dados referentes a esse país.

4.1 O que é a China?

A figura 7 representa a bandeira da China, a cor vermelha simboliza a revolução e o Partido Comunista Chinês. As estrelas em amarelo simbolizam o brilho da luz e também tem seu significado, a estrela maior representa o PCC e as menores a população chinesa. Elas estão organizadas dessa forma porque mostra a união entre o povo e o Partido. Já na figura 8 pode-se observar o mapa chinês e seus arredores. A China faz fronteira terrestre com vários países asiáticos, dentre eles a Índia, Mongólia e Coréia do Norte e é banhada pelo oceano Pacífico. O território chinês é bastante extenso em sua área, mas em alguns lugares pouco povoado. É hoje um país de extrema importância em seu continente como também a nível mundial.

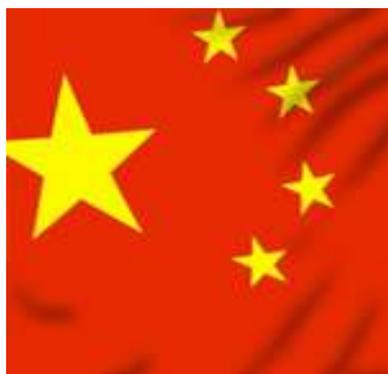


Figura 7: Bandeira da China

Fonte: Atlas Geográfico Mundial



Figura 8: Mapa da China e região
 Fonte: Atlas Geográfico Mundial

Quadro 2 – Principais indicadores da China

CHINA	
Capital:	Pequim
Principal cidade:	Xangai
Língua falada:	Chinês (Mandarim)
Governo:	Regulada pela Constituição de 1982
Presidente:	Hu Jintao
Área:	9.573.000 km ²
População:	1.338,612,968 hab. (2007)
PIB:	US\$ 7.043 trilhões (2008)
IDH:	0, 77 (2007)
Expectativa vida:	73,47 anos (2008)
Alfabetização:	91,1%
Moeda:	Yuan
Produtos agrícolas:	Arroz, Trigo, Milho, Soja
Pecuária:	Eqüinos, Bovinos, Búfalos
Indústria:	Têxtil, Construção, Siderúrgica
Renda per capita:	US\$ 5,970 (2008)

Fonte: elaboração própria¹⁷

¹⁷ Dados retirados de Jaguaribe (2008), Furtado (2008) e Atlas Geográfico Mundial.

Quanto aos aspectos gerais da China, referindo-se ao espaço físico do país e a sua população em geral, temos que é o terceiro maior país do planeta, ultrapassa os 9,5 milhões de km². Maior que o Brasil e possuindo um extenso litoral, a China possui milhares de ilhas e um extenso mar territorial.

Já o relevo chinês é composto por três camadas: planícies, planaltos e desertos, terras geladas e cadeias montanhosas. Sendo elas, respectivamente, em altitudes baixas, médias e elevadas. Tem montes conhecidos mundialmente, como por exemplo, o Himalaia, que está situado a mais de 8 mil metros de altitude. A parte oeste da china é onde se concentram as maiores elevações e na parte leste as menores. A figura a seguir pode exemplificar melhor o que está sendo abordado. (FURTADO, 2008)

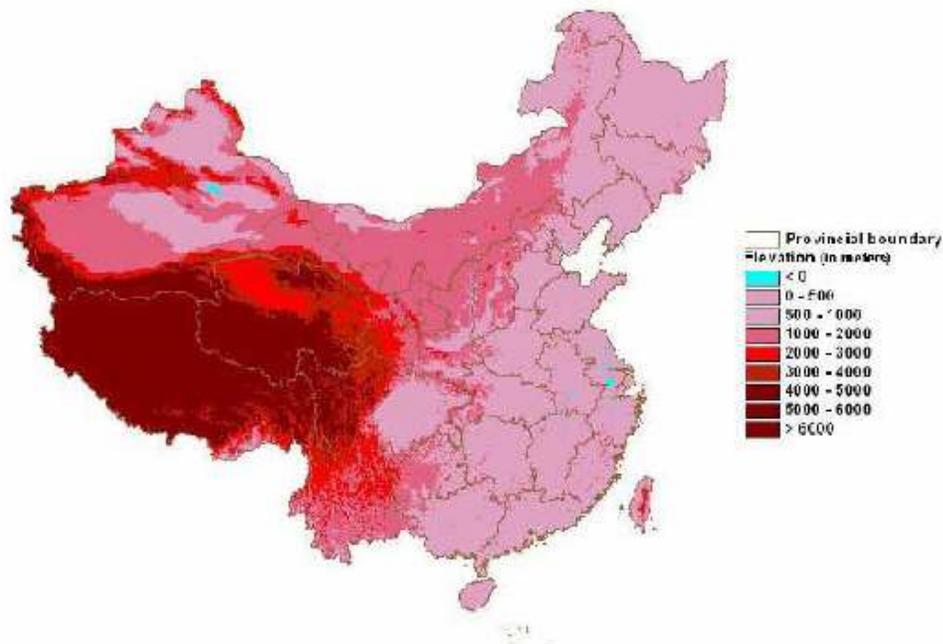


Figura 9: Relevo da China

Fonte: (FURTADO, 2008, p.2)

Sobre o clima do país, em mais da metade do território chinês o que predomina é o clima árido e semi-árido. A água é escassa, com exceção de algumas poucas regiões e há alguns grandes rios que atravessam o território de leste a oeste e que são fontes importantíssimas de água.

Um dado bastante marcante desse país é o elevado número de habitantes, sua

população chega a ultrapassar a incrível marca de 1,3 bilhão. Há um fato curioso sobre essa densidade populacional, em certos lugares como as planícies do leste e ao longo dos vales a densidade é bastante acentuada, e por contra partida, é baixíssima a densidade no oeste em regiões como o Tibet ou desérticas.

O governo chinês está preocupado com esse elevado número de habitantes e há décadas visa a redução do crescimento populacional, mesmo assim o crescimento da população chinesa está em 0,9% ao ano. Isso significa que todo ano nasce em torno de 11 milhões de novos chineses. O país tem uma política de restrição a quantidade de filhos por casal, mas isso varia de acordo com sua moradia e se habita zona rural ou urbana. (FURTADO, 2008)

A figura 10 comprova como as áreas costeiras, em especial o sudeste chinês está com alto grau de concentração populacional e as regiões mais áridas do oeste e de grande altitude, a densidade é bastante baixa.

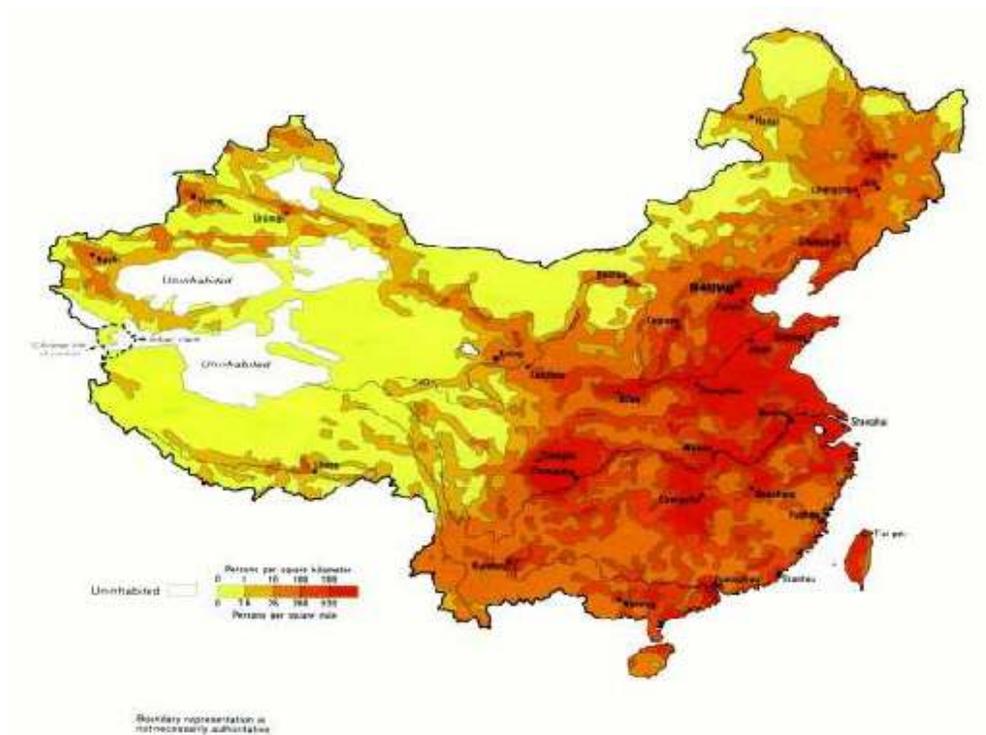


Figura 10: Mapa populacional chinês

Fonte: (FURTADO, 2008, p.4)

A China possui 34 divisões administrativas e a expressão de “um país dois sistemas” vigora, ou seja, em toda a China o que vigora é o socialismo de mercado e em duas regiões (Hong Kong e Macau, que fazem parte de uma administração especial) é o

capitalismo que vigora. Podemos dizer que esse ainda é um país em desenvolvimento, mesmo com esses constantes avanços possui grandes disparidades regionais entre a população urbana e rural. (FURTADO, 2008)

Como visto no quadro 2 sua taxa de analfabetismo é de 9% e a expectativa de vida da população está em torno de 73 anos. A mortalidade infantil é de 22 crianças para cada mil habitantes e seu índice de desenvolvimento humano não está entre os melhores. A China é um país rural, mais da metade de sua população habita os campos, porém a migração para a cidade é constante e milhões de pessoas estão trocando o habitat rural pelo urbano. Isso gera cidades com elevado número de habitantes (acima de um milhão) e certamente preocupa os governantes.

A China vem passando por uma constante transformação. Antes de 1950 era um dos países mais atrasados do planeta, bastante pobre e agora já é destaque internacional, sua economia apresenta uma evolução constante. Seu território permanece inalterado em dois mil anos, diferentemente dos outros continentes. O país apresenta o “curso natural das coisas”¹⁸, a maior parte do capital é dirigida, em primeiro lugar, para a agricultura, depois para a manufatura para, por último, ir ao comércio exterior.

Quanto aos governos, os chineses não são somente voltados à opressão, senão a China não teria em cinquenta anos saído de país mais pobre do mundo para um país em constante desenvolvimento. Os elementos internos de política econômica, implementados pelo Estado a partir de 1970 foram e são determinantes nos resultados econômicos apresentado pelo país.

O fato de a China ter efetuado a mudança de um sistema de forte comando para um modelo mais flexível envolveu decisões, como reformas na agricultura, indústria e nas políticas cambiais e de comércio exterior. Com isso, houve estímulos a produção no campo, estímulos a produção privada e o Estado se conservou atento e manteve empresas estatais em setores estratégicos da economia. Há a criação de Zonas Econômicas Especiais¹⁹ para completar a disposição do país em abrir o comércio internacional. (RIBEIRO, 2008)

Como diz Fernand Braudel: “O capitalismo só triunfa quando se identifica com o Estado, quando é o Estado.” (ARRIGHI, 2008, p.103)

O crescimento chinês vem em ritmo acelerado. Desde a década de oitenta apresenta crescimento médio de 9% ao ano. Produzem não apenas manufaturas de baixo teor tecnológico como também eletrônicos. De 1995 até hoje, a China expandiu muito seu

¹⁸ Para maiores informações ver Arrighi (2008).

¹⁹ Cidades escolhidas pelo Partido Comunista Chinês para aceitar investimentos externos diretos; planejada para aumentar as exportações chinesas e servir de ponte para a adoção de tecnologia estrangeira. (SPENCE, 1995)

comércio, passou de apenas 5,4% da produção mundial na década de 1990 para 13% de toda a produção em meados dessa nossa década, deixando para trás os “imbatíveis” norte-americanos. (RIBEIRO, 2008)

As exportações seguiram o mesmo caminho e agora já representam pouco mais de 8% do total mundial, ficando atrás apenas de Alemanha e EUA, a trajetória da participação chinesa nas exportações mundiais é significativa, tanto em relação aos países desenvolvidos como entre os parceiros emergentes. A China cresceu não somente por exportações, mas também pelo forte crescimento do comércio interno. (RIBEIRO, 2008, p.14,15,113)

Na Figura 11 pode-se visualizar esse aumento.

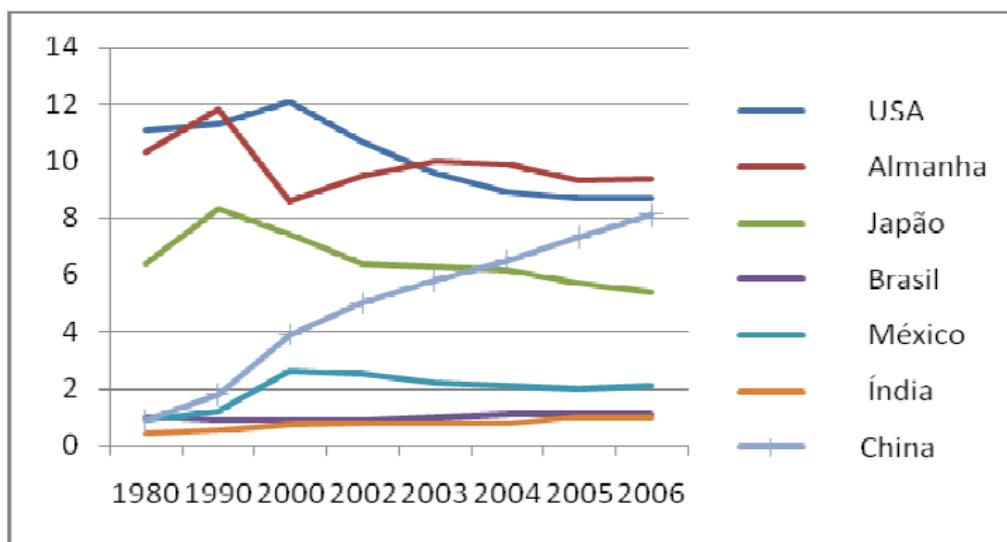


Figura 11: Exportações dos países na % total mundial

Fonte: (RIBEIRO, 2008, p.113)

Nota-se que a participação da China nas exportações mundiais vem crescendo ano após anos e já atinge uma marca surpreendente. Em contra partida, os Estados Unidos vêm diminuindo suas participações, o que pode também dar mais um indício de seu declínio. Ambos os países estão praticamente empatados, os Estados Unidos detinham 11% do total exportado em 1980 e agora, em 2005, só dominam 8,7% do mercado exportador. Os resultados apresentados pela China assemelham-se mais aos dos países desenvolvidos do que propriamente aos dos países em desenvolvimento, onde o país se enquadra. As exportações chinesas somam 600 bilhões de dólares e crescem a fantásticos 35% ao ano.

Por outro lado, a China também virou um grande consumidor; por exemplo, em 2004 os chineses consumiram quase metade do cimento global, 27% do total de algodão e mais de 40% do minério de aço que era produzido ao longo do planeta. (RIBEIRO, 2008)

A área cultivada da China representa apenas 10% do total do país, dispõe de minério de ferro, cobre, zinco e reservas de petróleo. A China é o terceiro importador de produtos brasileiros e no total mundial, é o segundo lugar, com mais de 15% do total. Tem o terceiro PIB do mundo, seu órgão superior é o Congresso Nacional do Povo e é regulada pela Constituição de 1982. (JAGUARIBE, 2008, P.329-330)

Agora iremos abordar um pouco sobre a história da China e seus principais líderes. A República Popular da China irá completar seu centenário em 2049 e nesses últimos anos tem se destacado. Deng Xiaoping e Mao Tse-tung são os personagens centrais mais recentes dessa história. Mao Zedong nasceu em 1893, foi um camponês de Hunan e um dos primeiros a entrar para o PCC (Partido Comunista Chinês). Chegou à liderança do partido em 1930, onde defendia e apoiava a revolução marxista da China, desenvolvendo idéias que influenciaram marxistas de todos os cantos do planeta. Foi quem conduziu o PCC na Longa Marcha²⁰ e no estabelecimento da República em 1949, tornando-se presidente. Morreu em 1976 e assim a China perdeu o maior líder político e teórico de seu comunismo. (SPENCE, 1995, p.745)

Já o outro personagem histórico chinês é Deng Xiaoping. Filho de uma família camponesa, entrou para o Partido Comunista quando estava em um programa de estudo-trabalho na França, por volta de 1920. Ele foi um dos sobreviventes da Longa Marcha e atingiu cargos no Comitê Central durante a década de 1950. Após isso volta ao poder depois de um período de perseguição durante a Revolução Cultural²¹. Foi ativo na implementação das Quatro Modernizações²² e na repressão aos protestos democráticos de 1989. (SPENCE, 1995, p.738)

Marti (2007) tem Deng como uma das pessoas que buscou transformar a China, fazer de seu país uma nação rica e poderosa por volta de 2049, ano do centenário. As reformas de Deng puseram o país e sua economia acima da ideologia, sendo a fracassada economia marxista substituída por novos mecanismos capitalistas de mercado e abriu a China para o

²⁰ Uma jornada de quase dez mil quilômetros feita por forças comunistas em fuga da campanha de repressão de Chiang Kai-shek (líder militar e político). Foi uma marcha de um ano, 1934 e 1935, e poucos sobreviveram. (SPENCE, 1995, p.744)

²¹ Movimento social complexo que iniciou-se como um conflito entre Mao Zedong e outros dirigentes importantes pelo controle do PCC e afetou todo o povo chinês. Durou por volta de dez anos (1966 – 1976). (SPENCE, 1995, p. 748)

²² Foi um objetivo de política interna da China (1978), feito para desenvolver as áreas de agricultura, indústria, defesa nacional e ciência e tecnologia. Abriu as portas ao mundo ocidental, criando zonas econômicas especiais e mandou estudantes para o exterior. (SPENCE, 1995, p.747)

resto do mundo. Ele procurou reverter os desastrosos rumos políticos, econômicos e sociais de Mao Tse-tung, reformulou o partido e modernizou economicamente a China. O autor acredita que Deng pôs a China nos trilhos da modernização e que para isso continue nos eixos foram necessárias algumas mudanças como no partido, no governo e no exército.

O objetivo de Deng, em termos mensuráveis, era quadruplicar a renda per capita do 1,05 bilhão de habitantes da China, passando-a de 250 dólares americanos, quantia fixada como padrão em 1981, para mil dólares no ano 2000. Este valor deveria ser novamente quadruplicado por volta do ano 2050, quando a China seria o centro de um bloco comercial do Leste Asiático, similar ao da Comunidade Européia ou ao do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA). Entretanto, esse bloco comercial abrangeria 70% da produção mundial, produziria mais de 50% dos bens mundiais, consumiria 40% da produção mundial e responderia por 70% do comércio mundial. A China então estaria verdadeiramente nivelada às nações economicamente mais adiantadas do mundo, um poderoso país socialista capaz de desempenhar papel relevante na manutenção da paz e da estabilidade mundial, Deng, definitivamente, arrancava para uma nova e ousada Longa Marcha. (MARTI, 2007, p.3)

Deng Xiaoping morreu em 1997 e uma de suas frases ficou famosa: “Não importa se o gato é branco ou preto, desde que pegue os ratos”. Essa frase narra que para o líder chinês, não importava os detalhes, a aparência dos fatos e sim os resultados finais. Então podemos dizer que Deng foi o ser humano que colocou a China e seu povo na cena do Século XXI. Visto isso passamos agora a próxima seção que abordará a expansão e o crescimento asiático, focado especialmente na China.

4.2 A Ascensão do leste asiático e a expansão chinesa

Para iniciar o debate acerca do leste da Ásia e da China em especial, apresentaremos uma citação de Immanuel Wallerstein:

Toda vez que há estagnação internacional e um estreitamento dos lucros em geral, e das atividades produtivas em particular, alguma região geográfica, que até então esse momento não se encontrava no topo da hierarquia quanto à geração de lucro, passa a ter resultados muito bons. Ela se converte no pólo atrativo para amplos movimentos de realocização da produção do mundo todo, beneficiando-se das dificuldades da economia internacional em conjunto. Desde os anos 70, a zona à qual coube esse papel tem sido o leste da Ásia. (WALLERSTEIN, 2002a, p.67 *apud* COSTA, 2005, p. 38,39)

A respeito do leste asiático podemos mencionar o Japão. A trajetória que esse país teve nos anos de 1940 e 1950 é espetacular, se recuperou de tudo que havia perdido na guerra. Anos seguintes a esse período o país avançou mais depressa que os outros, no fim dos anos oitenta o PIB *per capita* japonês havia superado o de todos, deixando para trás Itália e Alemanha. (ARRIGHI, 1996)

Durante a atual crise hegemônica dos Estados Unidos, houve um deslocamento dos recursos financeiros, agora dirigidos para o Leste Asiático. Assim a região passa controlar a maior parte de liquidez mundial e se torna o centro de acumulação de capitais. É um deslocamento da economia global. (ARRIGHI e SILVER, 2001 *apud* COSTA, 2005, p.65-6)

Arrighi (1996) relata que o que revolucionou o sistema produtivo do Leste Asiático foi à crise do regime de acumulação estadunidense. O capital japonês assim se expandiu e instalaram-se modernas indústrias pesadas nas colônias, como siderurgia e indústria química. A Coreia, por sua vez, tinha uma infra-estrutura bastante desenvolvida comparada aos países de Terceiro Mundo, conseguindo um desenvolvimento industrial elevado e muitos trabalhadores estavam na indústria coreana.

Como resultado da dívida externa norte-americana, os únicos que se beneficiaram foram os países do Leste Asiático com recente industrialização, conseguiram trazer para seus Estados as indústrias que se transferiram do centro para a periferia por razão de menores taxas de lucratividade. O restante dos países do terceiro mundo e do bloco soviético tiveram uma espiral econômica decrescente. (COSTA, 2005)

Arrighi (1996, p.350) conclui que os Quatro Tigres impressionaram pela sua expansão econômica desde 1970 e o principal fato disso ocorrer foi o grau com que eles conseguiram tornarem-se participantes ativos e grandes beneficiários da expansão financeira. Cita exemplos de cada país:

-Cingapura: esteve envolvida na criação do mercado asiático de dólares;

-Hong Kong: em 1982 tornou-se o terceiro maior centro financeiro do mundo, atrás apenas de Londres e Nova York, em termos de bancos estrangeiros;

-Formosa: especializou-se na acumulação de reservas em divisas estrangeiras, assumiu o primeiro lugar com 82,5 bilhões de dólares em reservas oficiais;

-Coreia do Sul: teve um crescimento explosivo na entrada de investimentos estrangeiros diretos, desfrutando de crédito abundante na década de oitenta. Tornou-se um dos maiores investidores externos diretos na região da Ásia.

No Leste Asiático houve um crescimento econômico nos anos 1970 e 1980. Essa região alcançou um dinamismo econômico bastante bom se comparado com outros países em

desenvolvimento. A China, na década de cinquenta era um dos países mais pobres do mundo e hoje eles estão na pauta dos acontecimentos mais importantes do mundo.

Um fator que também nos chama a atenção é a diferenciação nas produções entre o mundo ocidental e oriental. A seguir serão apresentados dois quadros que explicam o modo das produções em ambos os mercados.

O Fordismo²³ *versus* Just in time²⁴. Um quadro que demonstra o processo produtivo e outro as características trabalhistas.

Quadro 3: Produção Fordista x Produção Just-in-time no processo produtivo

PRODUÇÃO FORDISTA (Econ. Escala²⁵)		PRODUÇÃO JUST-IN-TIME (Econ. Escopo²⁶)
	Produção	
Produção em massa, bens homogêneos		Produção em pequenos lotes
Uniformidade e padronização		Produção flexível
Grandes Estoques		Sem estoques
Produtos com defeito ficam no estoque		Redução de peças com defeito
Perda de tempo na produção		Redução do tempo perdido
Voltada para os recursos		Voltada para a demanda
Teste de qualidade		Controle de qualidade

Fonte: Elaboração própria através de Sandroni (1999)

No quadro acima podemos observar a distinção nas produções dos modelos. Anteriormente os produtos eram feitos em massa para se obter uma redução nos custos, um padrão era mantido e as empresas possuíam estoques em abundância. Com o passar do tempo a produção foi diminuindo, não mais se produzindo para ficar em estoque. A produção era voltada para a demanda na quantidade exata, se reduziu os custos financeiros e a necessidade de grandes espaços físicos para armazenagem. Assim, como o Fordismo que até hoje

²³ Conjunto de métodos de racionalização da produção elaborado pelo industrial norte-americano Henry Ford, baseado no princípio de que uma empresa deve dedicar-se apenas a produzir um tipo de produto. Para isso, a empresa deveria adotar a verticalização, chegando a dominar não apenas as fontes das matérias-primas, mas até os transportes de seus produtos. (SANDRONI, 1999, p.249)

²⁴Também denominado Sistema de Produção Toyota e também traduzido como “produção apenas a tempo”, é um sistema de controle de estoques desenvolvido pela empresa homônima, no qual as partes e componentes são produzidos e entregues nas diferentes seções um pouco antes de ser utilizadas. A definição mais sintética deste sistema seria “a peça certa, no lugar certo, no momento certo”. (SANDRONI, 1999, p.317)

²⁵“As economias de escala surgem devido à habilidade de executar atividades de forma diferentes e mais eficientes em um volume maior. Economias de escala refletem não somente a tecnologia utilizada em determinado processo produtivo, como também a maneira como a empresa escolhe operá-la”. (PORTER, 1989 *apud* GONÇALVES, 2005, p.4)

²⁶ “A economia de escopo se refere aos ganhos com a produção de itens diferentes na mesma fábrica. Isso acontece, quando as alternativas de expansão do mercado, como a diferenciação e a segmentação de mercado, mostrarem-se insuficientes para o potencial de crescimento de uma empresa, sua opção pode recair sobre a diversificação” (AZEVEDO, 2000 *apud* GONÇALVES, 2005, p.4)

permanece em alguns países (embora modificado), o processo Just-in-time de produção também se expandiu rapidamente para o Japão e o restante do mundo.

O quadro 4 expõe a diferenciação entre a produção fordista e a produção Just-in-time no quesito trabalho, relatando a diferença que os trabalhadores encontravam em cada um dos métodos aplicados.

Quadro 4: Produção Fordista x Produção Just-in-time no processo de trabalho

PRODUÇÃO FORDISTA (Econ. Escala)		PRODUÇÃO JUST-IN-TIME (Econ. Escopo)
	Trabalho	
Realização de uma única tarefa		Múltiplas tarefas
Alto grau de especialização de tarefas		Eliminação da demarcação de tarefas
Pouco ou nenhum treinamento		Longo treinamento
Organização vertical		Organização mais horizontal
Nenhuma experiência		Aprendizagem no trabalho
Nenhuma segurança		Grande segurança para trabalhadores centrais
Redução das responsabilidades		Ênfase nas responsabilidades

Fonte: Elaboração própria através de Sandroni (1999)

Aqui o que se pode notar é a multiplicação de tarefas para os indivíduos. Se antes cada um realizava apenas um tipo de tarefa e era especializado naquela tarefa, depois foi se ampliando os horizontes e a eliminação apenas de uma determinada ocupação. Os trabalhadores começaram a aprender mais no ambiente de trabalho, suas responsabilidades iam aumentando conforme suas funções. Os acidentes, atrasos e defeitos foram reduzidos a quase zero. O Japão apresentou um alto padrão de qualidade e desenvolvimento e assim atingiu lucrativos mercados centrais da economia mundial.

Como já vimos, a região do leste da Ásia apresentou um bom desenvolvimento, mas agora o grande destaque é a China. Já superou todos os seus vizinhos e hoje se sobressai mais que qualquer outra nação quando falamos em expansão e ascensão econômica.

A China se inseriu aos poucos no cenário mundial atual, num processo lento e gradual. Hoje é tida como um dos principais países do mundo, algo que nem os mais otimistas chineses poderiam ter imaginado há algumas décadas atrás.

“A prosperidade é impressionante, as reformas avançam e os chineses têm o principal para melhorar mais ainda: a confiança de que o futuro pertence a eles.” (GRYZINSKI, 2006, p.106)

Ted Fishman resume, em poucas palavras, o que a economia mundo está presenciando diariamente.

Hoje em dia, a China está por toda a parte. Impelida pela economia que mais rapidamente se desenvolve no mundo, ela influencia nossas vidas de consumidores, nossos empregos e nossa cidadania. "As palavras *made in China* são tão universais quanto o dinheiro: o país confecciona mais roupas, fabrica mais sapatos e monta mais brinquedos para as crianças do mundo que qualquer outra nação." (FISHMAN, 2006, p.9)

Para Lahóz e Caetano (2005), a China começa a mostrar ao mundo uma faceta menos conhecida e mais temível, a de devoradora de mercados. O mesmo país que encanta pela capacidade aparentemente inesgotável de consumir está se transformando em pesadelo pela voracidade com que produz.

O quadro a seguir relata os principais produtos de produção chinesa em relação à totalidade mundial e os números que aparecem são surpreendentes.

Quadro 5: Participação China na produção mundial

Produção chinesa (2004 e 2005)
31% dos brinquedos
26,6% dos fios têxteis
26,5% dos calçados
26% dos equipamentos computador
23,5% das roupas femininas
(Participação no total mundial)

Fonte: (RIBEIRO, 2008)

Esses números, além de impressionar, não param de crescer. Podemos dizer que os chineses estão conquistando o mundo nas suas produções em grande escala e com preços muito mais acessíveis. Isso representa uma faca de dois gumes: por um lado a redução dos preços, vantagens ao consumidor final que consegue comprar mais; por outro lado a concorrência com as empresas que podem não agüentar essa pressão e ser varridas do mapa.

A China é hoje a oficina do mundo, liderando e comandando a produção mundial. É responsável pela produção de milhares de mercadorias, aumentou bastante suas produções em décadas. Um fato que relata e explica essa afirmação é a quantidade de mercadorias, eletrônicas ou não, que encontramos nas estantes com os dizeres “feito na China”.

O economista Maurício Mesquita Moreira²⁷, pesquisador do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) diz "A escala chinesa é pateticamente superior" e os autores complementam afirmando:

Ainda em choque diante do fenômeno chinês, os estudiosos buscam decifrar a fonte de tamanha competitividade. Trata-se de um debate que pode fornecer pistas relevantes sobre os caminhos que as companhias brasileiras devem seguir (ou evitar). Para começar, a comparação entre Brasil e China mostra uma sufocante disparidade nas escalas de produção. O PIB da China cresce quase 10% ao ano e já representa o triplo do brasileiro. Suas exportações são seis vezes superiores às nossas. As vendas externas de um único setor da economia chinesa, o têxtil, devem superar a balança de exportações totais do Brasil. A produção chinesa de calçados é de 7 bilhões de pares por ano -- ante 755 milhões do Brasil. Das siderúrgicas chinesas devem sair 300 milhões de toneladas de aço neste ano, quase dez vezes a produção brasileira. (LAHÓZ E CAETANO, 2005)

Outro fator que faz com que a China se destaque é a sua gigantesca população. Sua população economicamente ativa representa muito, ou seja, tem um reserva considerável de mão-de-obra. Com a migração do campo para a cidade esse número de trabalhadores aumenta e assim os salários ficam cada vez mais baixos. A diferença entre os salários da China e dos Estados Unidos é muito alta, os chineses tem vantagens no seu custo de mão-de-obra.

Tabela 1: Custo da mão-de-obra na indústria, por hora, em 2005 (US\$)

Indonésia	0,35
Índia	0,43
China	0,59
Chile	2,05
México	2,27
Taiwan	6,13
Coréia do Sul	8,35
Espanha	11,46
Alemanha	24,07
Japão	19,01
Estados Unidos	20,32

Fonte: (Crédit Suisse, 2004 *apud* PUGA, 2004, p.17)

Como podemos observar na tabela 1, a China remunera muito mal seus trabalhadores e assim pode baratear os custos e repassá-los no preço final da mercadoria, o que representa uma acentuada redução nos preços. A diferença, comparando com os americanos, é

²⁷ A afirmação do economista está inserida no artigo de Lahóz e Caetano.

exageradamente grande e isso acaba gerando uma substituição, quase que natural, dos produtos nas prateleiras.

Com relação aos preços que a China possui no mercado global, vale ressaltar que isso é um dos principais responsáveis por essa ascensão tão rápida e grande. A expressão “preço da China” passou a ser sinônimo de preços baixíssimos. O preço da China é parte do entendimento geral das populações de que se as empresas e organizações transferem para essa região asiática qualquer tipo de atividade, tendo lucratividade e assim gerando grandes economias. Logo os preços serão os menores possíveis e talvez com uma qualidade superior a existente. (FISHMAN, 2006)

Para os compradores que percorrem diversas regiões atrás dos melhores preços, a China se transformou numa espécie de Eldorado dos descontos. Para a mercadoria chegar ao consumidor final, muitos outros fornecedores/fabricantes já obtiveram seus lucros e, se for possível, baixar o custo (preço) em cada etapa, a mercadoria chegará a seu destino final também com declínio no valor. Então, isso é bom para os fabricantes e melhor ainda para os consumidores?

De certo modo sim, mas também existe o outro lado da moeda. Essa constante pressão para baixar os preços ao máximo tem gerado um constante impacto na forma pela qual o mundo fabrica seus produtos e assim, por consequência, acaba gerando profundo impacto para os indivíduos. Pode ocorrer um aumento no número de desempregos, a China pode esvaziar as fábricas do resto do mundo. As pessoas podem perder seu emprego na manufatura, oficinas e indústrias. A perda do emprego prejudica enormemente, em quase todos os sentidos, as famílias.

Nos Estados Unidos, esse número aumentou bastante nos últimos anos, podemos citar como exemplo o desemprego a longo prazo²⁸ na manufatura. Em 2000, o número de desempregados de longo prazo no setor manufatureiro chegou a 102.311 pessoas. Já em 2003, atingia o patamar de 367.323 pessoas. Temos nesse período um aumento no desemprego de 260%²⁹. (FISHMAN, 2006, p.196-7)

“A China tem uma vantagem injusta. Eles não pagam nada... nem mesmo o equipamento e as instalações. Exportam ilegalmente seis bilhões de dólares em mercadorias a cada ano, o que representa trezentas fábricas de têxteis que fecham em consequência de

²⁸ Desemprego de longo prazo é o número de pessoas que têm estado sem trabalho durante seis meses ou mais. (FISHMAN, 2006, p.197)

²⁹ A taxa de desemprego não inclui os 2,7 milhões de norte-americanos que desistiram de procurar emprego nem os 4,5 milhões que estão empregados em tempo parcial a baixos salários, mas desejam conseguir melhor colocação. (FISHMAN, 2006, p.197)

importações ilegais”. O autor³⁰ dessa frase recebeu aplausos e ovação quando se referiu às vantagens de custos das fábricas da China sobre as locais dos Estados Unidos. Referiu-se também aos empréstimos de bancos estatais que não precisam pagar.

Outro fator que surgiu na mídia com a ascensão chinesa é a falsificação dos produtos. Fishman (2008) diz que é um país de piratas. Nos últimos anos temos muitas notícias de produtos falsos e os governos estão na busca de encontrar os importantes falsificadores. Hoje, a maioria das pessoas adquirem CDs e DVDs falsificados e essa onda de consumo falso tem se expandido a outros produtos como bolsas, roupas e eletrônicos. Os produtos falsificados chegam às ruas antes mesmo de serem lançados nas lojas, os filmes estréiam nos camelôs semanas antes das estréias nos cinemas. Parece um mercado que não tem fim e, ao contrário disso, um mercado que se expande diariamente e que conquista novos clientes a cada novo produto lançado.

Essa não é a primeira expansão da Ásia. Antes, os Tigres Asiáticos, composto por Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura e Hong Kong, já haviam feito isso. Sem esquecer-se do caso japonês, que também apresentou essas características. Porém, esses países depois de certo tempo, abandonaram os produtos mais baratos e incorporam mais tecnologia. Já a China preocupa porque avança em nichos mais sofisticados, entretanto, não abandona o outro lado que é bastante forte, nos produtos baratos e mão-de-obra baixa.

Giovanni Arrighi (2008) tem como objetivo interpretar, à luz da teoria do desenvolvimento econômico de Adam Smith, o deslocamento do eixo da economia política global da América do Norte para a Ásia Oriental

O autor afirma que quando ressaltamos esse “milagre econômico” leste-asiático, estamos falando de dois fatos: por um lado à ascensão de diversos novos centros de acumulação do capital e do outro lado um fenômeno incomum. Os países que fazem parte do leste da Ásia são: Japão, Coreia, Taiwan, China e Hong-Kong. O Japão já teve sua chance, mas hoje quem se destaca é a China.

Para tanto, Arrighi (2008) identifica que o autor que mais contribuiu para explicar esta ascensão é Adam Smith. A despeito de *A Riqueza das Nações* estar centrada no desenvolvimento da economia de mercado européia, sobretudo a inglesa, Smith apropria-se de muitos exemplos históricos que fazem menção à China. O autor já escrevia, por exemplo, que a extensão do mercado interno da China não era muito inferior ao mercado de todos os países da Europa reunidos.

³⁰ A citação refere-se ao chefe de gabinete da Casa Branca na presidência de Bill Clinton, Erskine Bowles, em uma cerimônia política em 2004. Essa afirmação foi retirada da obra de Fishman, p.198.

Como diz Vieira (2008, p.129) “Arrighi dedica-se a explicar teórica e historicamente a ascensão da China à posição de locomotiva da economia mundial, bem como as implicações para toda a humanidade, da perda desta posição pelo Ocidente e, em particular, pelos EUA”.

Para Arrighi (2008), Adam Smith afirmava também ser a China um país mais rico que qualquer região da Europa, observando que lá o mercado de bens e os fatores de produção estavam muito mais próximos da competição perfeita – num equilíbrio que elevava o bem-estar geral – do que na Europa ocidental.

A importância que Smith dá ao mercado deriva de sua concepção de desenvolvimento, centrada no que Arrighi considera “dinâmica smithiana”. A dinâmica smithiana foca o aprimoramento econômico impulsionado por ganhos de produtividade que acompanham a divisão do trabalho, cada vez maior e mais profunda, limitada apenas pela extensão do mercado. Para Smith, o resultado dessa especialização produtiva era o aumento dos salários, do consumo e da produção, num círculo virtuoso que como o autor pondera só se restringe pelo tamanho do mercado. (ARRIGHI, 2008)

De acordo com o autor, é imprescindível diferenciar três categorias econômicas: desenvolvimento econômico, economia de mercado e capitalismo. A diferenciação é crucial porque, para Arrighi, a China se desenvolve absurdamente nos últimos anos baseada numa economia de mercado, mas não numa economia capitalista. Inclusive, Arrighi adota o referencial teórico smithiano justamente porque considera que Smith não era um teórico nem defensor do capitalismo, e percebe sua teoria dos mercados como instrumentos de domínio essenciais para a compreensão de uma economia de mercado não-capitalista. Ele afirma que o socialismo chinês foi superado, mas não se pode caracterizar o modo de produção atual como capitalista. Arrighi então conclui que esse debate entre socialismo e capitalismo não é elucidativo para investigar a ascensão da Ásia Oriental. (ARRIGHI, 2008, p. 29-54)

Arrighi (2008) passa a enfatizar o poderio econômico que a China tem alcançado ao longo dos anos, sobretudo desde o início do século XXI. O país foi o responsável por um terço do aumento total do volume mundial de importações entre 2001 e 2004. Além disso, o país elevou suas trocas com a África em mais de 400%, sem contar o estreitamento das relações com a América Latina. Tudo isso faz parte de um projeto simultaneamente político, onde as lideranças do PCC Chinês estão dispostas a renunciar disputas internas antigas, em prol da ascensão econômica do país.

Todas estas ações chinesas ofuscam a influência internacional norte-americana e é um importante passo em direção à hegemonia mundial. É inegável a relevância dos Estados Unidos no cenário internacional, e Arrighi não a diminui. Apesar da comparação entre as

Guerras do Vietnã e do Iraque ser desfavorável à última em diversos aspectos³¹, é notório que o poderio militar dos EUA ainda não foi superado por nenhuma outra nação. Entretanto, em termos econômicos, como se pôde observar, a situação é muito mais desfavorável aos EUA. Os Estados Unidos ainda são dominantes, mas, de acordo com o conceito gramsciano visto na introdução, não são mais capazes de fazer as outras nações acreditarem tacitamente que o benefício dos EUA reflete invariavelmente bonança e vantagens para elas. (ARRIGHI, 2008, p. 185-219)

A afirmação do secretário de Estado norte-americano em 1899, John Hay diz “O olho do furacão do mundo se deslocou [...] para a China. Quem entender esse poderoso império [...] terá a chave da política do mundo pelos próximos quinhentos anos”. (ARRIGHI, 2008, p.285)

É com essa afirmação que Arrighi (2008) inicia a discussão sobre a “ascensão pacífica” chinesa. O que merece destaque são as considerações sobre o crescimento econômico chinês. Os EUA, através de seu corpo político, pressionam a China a valorizar sua moeda, tal como fizeram com o Japão nos anos 80. Além disso, denunciam que a China pratica concorrência desleal no mercado internacional, em detrimento dos produtos norte-americanos. Não obstante, argumenta Arrighi, a adesão da China à Organização Mundial do Comércio, em 2001, obrigou o país a fazer uma série de ajustes em termos de comércio internacional.

A China possui poder bélico, porém sua conquista hegemônica esta mais voltada à conquista comercial e não igual a que houve com os americanos (bélica). O que estamos observando é a crescente dependência que os Estados Unidos estão com o gigante asiático. Podemos dizer que o deslocamento do epicentro da economia global está indo para o Leste Asiático. Um exemplo claro e atual desse grande crescimento asiático é o resultado dos últimos Jogos Olímpicos, onde a China superou os Estados Unidos em todos os quesitos e assumiu a liderança esportiva na qual jamais tinha alcançado. A dependência norte-americana é cada vez maior para com a China. Os chineses podem até carecer de um forte capital, mas o trabalho, em especial a mão-de-obra, é em excesso. Essa abundância de mão-de-obra faz com que a China produza muito e produtos a preços muito mais baixos que os produzidos em

³¹ Um dos aspectos desfavoráveis foi exposto da seguinte forma “Depois que invadimos o Iraque, não conseguimos nos desenredar. É provável que aumente a pressão nacional para nos retirarmos, como na Guerra do Vietnã, mas a retirada causaria danos irreparáveis à nossa posição no mundo. Nesse aspecto, o Iraque é pior que o Vietnã por causa da nossa dependência com relação ao petróleo do Oriente Médio” (GEORGE SOROS *apud* ARRIGHI, 2008, p.193)

outros cantos do planeta. Essas mercadorias são baratas e com tecnologia, o que vem sendo a grande dificuldade dos demais para igualar. (ARRIGHI, 2008)

O problema das relações sino-americanas na virada do século XXI não é mais o acesso comercial dos Estados Unidos à China. É o fato de que a China substituiu os Estados Unidos como grande economia que mais cresce no mundo e busca o mesmo acesso comercial aos Estados Unidos que têm em outros Estados. [...] O problema não é que o olho do furacão do mundo tenha se deslocado para a China [...] O problema é a noção generalizada nos Estados Unidos de que a tempestade vermelha centrada na China [...] está batendo em nossas praias³². (ARRIGHI, 2008, p.286)

Isto posto, a discussão toma um rumo interessante ao mostrar um ato no mínimo inusitado por parte dos congressistas de Washington. Uma proposta de aquisição da petroleira estadunidense Unocal pela petroleira chinesa CNOOC (Chinese National Offshore Oil Company) foi absolutamente rechaçada pelos formuladores de política de Washington sob a alegação de que a compra traria riscos à segurança nacional dos EUA. Este é o principal ponto que diferencia a ascensão chinesa atual da emergência japonesa dos anos 80 e início dos 90. A China, ao contrário do Japão, além de comprar e concorrer diretamente com as empresas estadunidenses, rivaliza com os EUA o controle dos recursos escassos do planeta. (ARRIGHI, 2008)

Assim são apresentadas três alternativas pertencentes ao paradigma realista das relações internacionais para lidar com a ascensão chinesa. A primeira corrente exposta é a de Robert Kaplan. A prioridade desta análise é a administração da balança de poder por parte dos EUA. Segundo ele, a evolução da China é inevitável. Para que isso seja concretizado, Kaplan defende que seja dada mais atenção ao PACOM (aliança militar da Ásia e do pacífico) do que à OTAN³³. A OTAN, que fora fortalecida durante os anos 90 com Bill Clinton, hoje não possui mais a mesma relevância. (ARRIGHI, 2008)

A segunda interpretação sobre o desafio chinês apresentada por Arrighi (2008) é de Henry Kissinger. Em contraposição a Kaplan, Kissinger questiona a inexorabilidade do confronto estratégico com a China. O autor se pauta no fato de que a China, enquanto representante de um modelo oriental de desenvolvimento, representaria um desafio aos EUA nos campos político e econômico, muito mais que no campo militar. Kissinger constata que “a China visa crescer e avançar sem perturbar a ordem existente.” Além disso, destaca os “quatro não” e os “quatro sins” da conduta política chinesa que Hu Jintao defendeu (NÃO à

³² Quem afirma essa última frase é Lou Dobbs em seu programa na CNN e está se referindo aos EUA.

³³ A Organização do Tratado do Atlântico Norte foi criada por volta de 1950, na Guerra Fria, onde o planeta vivia a bipolaridade bélica e ideológica entre os norte-americanos e extinta URSS.

hegemonia, à força, aos blocos, à corrida armamentista); (SIM à construção da confiança, à redução das dificuldades, ao desenvolvimento da cooperação e ao evitamento do confronto).

James Pinkerton é o terceiro pensador citado por Arrighi. A estratégia deste autor consiste, basicamente, em estimular a divergência entre a China e os outros países asiáticos. Percebe-se claramente a influência do jogo europeu de equilíbrio de poder, mais precisamente durante a hegemonia do Reino Unido. (ARRIGHI, 2008, p.285-315)

Arrighi (2008) aponta pelo menos três razões que justificam o despreparo dos EUA em lidar com a promoção chinesa. Primeiramente, a aposta estadunidense era liquidar rapidamente a Guerra do Iraque e sair dela fortalecido o suficiente para não haver questionamentos sobre sua hegemonia, além de poder negociar com a China numa posição mais vantajosa. Em segundo lugar, o autor percebe uma recorrente dificuldade em se definir o interesse nacional dos Estados Unidos. Como diz Arrighi, a evolução espantosa do Wal-Mart e seu regime híbrido de acumulação exitoso são altamente receosos ante qualquer possibilidade de enfrentamento militar entre Estados Unidos e China. Por fim, falta aos formuladores de política estadunidenses uma definição do que realmente é e representa a China.

Ainda podemos mencionar o fato que Arrighi (2008) expõe que as empresas ocidentais que se instalaram no oriente jamais conseguiram penetrar de fato no vasto interior do país e tiveram que depender dos comerciantes chineses para adquirir matéria-prima e assim comercializar as suas mercadorias. Ou seja, de novo observamos a mudança no eixo mundial, os papéis se invertem e a convergência dos caminhos muda de direção, do ocidente a caminho do oriente.

Uma hegemonia chinesa resgataria a memória histórica de maior igualdade e respeito mútuo entre as nações – que parece ser a visão de Arrighi – ou a China se incorporaria por completo ao sistema e reproduziria a coerção e a desigualdade das hegemonias ocidentais. Procurando comprovar a visão com que simpatiza, Arrighi enfatiza os autores que são partidários do “Consenso de Pequim”, onde haveria uma relação mais harmoniosa entre as nações, com respeito às regionalidades, interdependência econômica e multilateralismo. Arrighi não descarta a possibilidade de a China se contentar com a associação numa ordem mundial liderada pelos EUA ou outra potência do Norte. (ARRIGHI, 2008)

O que mais ameaça os americanos hoje em dia é certamente a China; esse gigante asiático esta modernizando rapidamente suas forças e cresce a cada novo dia em busca de um patamar supremo e alto. Porque não uma hegemonia chinesa? A China passa a produzir uma

mercadoria com maior qualidade, os custos são jogados lá para baixo e começam a ganhar uma grande fatia do mercado mundial.

A China está a modernizar as suas forças armadas a grande velocidade e reforçou a cooperação militar com a Rússia. Esta evolução constitui um desafio aos Estados Unidos e representa um dos maiores problemas de defesa em toda a Ásia. Os chineses não aceitam a hegemonia americana no mundo e EUA não aceitam a hegemonia chinesa na Ásia. Fica uma luta entre esses dois gigantes.

Nuno Batista (2001) afirma que "A China é uma potência que do ponto de vista geoestratégico está ao longo do tempo enclausurada. Está à procura de espaço para respirar para esticar os músculos".

A hegemonia chinesa no continente asiático surge inquestionavelmente a partir da desagregação da União Soviética e da formulação do novo modelo chinês: um país com dois sistemas económicos distintos.

Finalmente, em relação aos aspectos sociais e nacionais, do povo chinês consideram-se duas características relevantes: a cultura fechada que os habitantes chineses têm entre si e na relação com o mundo e, em segundo lugar, novas expressões do "novo" nacionalismo chinês.

O povo chinês mantém-se, na generalidade, fiel aos profundos valores e tradições chinesas que se transportam pela história à cerca de três milênios: a superficialidade da cultura americana não tem ainda uma adesão maciça pelos asiáticos, e concretamente pelos chineses, apesar de se viver num mundo globalizado e dos chineses serem o povo com maior diáspora em todo o mundo.

Algumas destas características estão integradas naquilo que hoje se refere a uma nova vaga, bastante ativa, de exaltação da cultura mandarim e do nacionalismo chinês: são visíveis alguns sinais desta exaltação no desporto, na participação em eventos internacionais, na literatura e em diversificadas formas de manifestação artística e cultural.

O que vemos a respeito desse gigante em ascensão é sua grande ambição a nível mundial, os Jogos Olímpicos realizadas em 2008, no seu próprio território, foram uma prova de toda a tecnologia e eficiência que já está imposta nesse país. O quanto eles são capazes de gerir grandes acontecimentos com êxito e como exemplo para todos os outros países do mundo. O que não faltou a China foram elogios e créditos pela belíssima estrutura, organização, segurança e imagem que passou para o resto do mundo, realizando esse importante evento.

Para ilustrar um pouco disso exposto, vejamos alguns dados. Os investimentos nas moderníssimas construções somam quase 15 bilhões de dólares, entre elas estão os 31

estádios, 77 pontes e estradas, 26 km de vias exclusivas para ônibus e seis novas linhas de metrô que hoje transportam de graça cerca de 20 milhões de passageiros/vezes por dia. Os visitantes durante os jogos somaram-se dois milhões. A China se tornou um importante centro turístico, as autoridades têm previsão de em dez anos ultrapassar países como Itália, Estados Unidos e França no ranking dos principais destinos do mundo. (MARTINS, 2008, p.83)

Outros fatores que mexeram muito com a estrutura chinesa após os Jogos Olímpicos foram a rede hoteleira e preço das propriedades imobiliárias. Os hotéis aumentaram, durante as olimpíadas, cerca de 800% e o metro quadrado de construção chegou a elevação de até 160%. Pensando ainda no meio ambiente, o governo tomou severas medidas para despoluir o ar das cidades, retirou muitos automóveis velhos e poluentes das ruas e ainda ampliou a rede pública de ônibus elétrico. As indústrias mais poluentes de Pequim foram para longe e o governo gastou cerca de dez milhões de dólares na inauguração de parques e anéis de arborização. (MARTINS, 2008, p.84)

Enfim, os Jogos Olímpicos realizados em Pequim foram um sucesso, devido aos inúmeros elogios tecidos ao país, tanto para quem assistiu como para a estrutura do país. A imagem de velha China que permanecia na mente de alguns do ocidente foi apagada e agora o que vemos é uma China nova, moderna, revitalizada e poderosa, um exemplo a ser seguido. Resta agora aos demais países essa ambição e como exemplo, podemos citar o Brasil, que em 2014 sediará a Copa do Mundo e dois anos mais tarde as mesmas Olimpíadas. Resta então saber se conseguiremos todo esse êxito e se nosso país irá se modernizar e investir em infraestrutura que será benéfico a longo prazo para toda a população. Isso apenas será respondido daqui uns anos, se vamos receber elogios ou crítica pelas outras nações do planeta.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje alguns estudiosos conseguem avistar o século XXI como um possível século chinês. Georg Friedrich List observou, numa época em que predominava a hegemonia inglesa, o avanço dos EUA e a possível sucessão hegemônica, o que de fato ocorreu. No momento em que um país hegemônico apresenta características de declínio e suas instituições são questionadas, tem-se um momento em que a hegemonia do país em questão é posta em dúvida. O que cabe aos estudiosos é o julgamento do passado, ver como este aplica-se aos fatos presentes e assim emitir uma análise do que é possível ocorrer, tendo claro em mente que fatos ocorridos podem não se repetir e que uma nova ordem econômica pode estar pedindo espaço.

Estamos de fato em um momento de transformação. Mas não de um mundo já estabelecido com regras claras, recentemente globalizado. Estamos antes em uma era de transição, transição não apenas de alguns países atrasados que precisam pegar o trem da globalização, mas uma transformação na qual todo o sistema-mundo capitalista será transformado em outra coisa. O futuro, longe de ser inevitável, um futuro ao qual não existe alternativa, será determinado nessa transição, cujo resultado é incerto. (WALLERSTEIN, 2004, p.53,54)

O que Wallerstein argumenta acima é um ponto bastante importante. Estamos sim em um momento de transformação, de evolução de alguns países e de declínio de outros. Alguns estão buscando condições melhores e assim é necessário que outro ceda espaço. Como dito na introdução para que um cresça outro, essencialmente, necessita cair, duas nações não podem ocupar o mesmo lugar. Previsões são feitas, estudos são realizados, opiniões são dadas, porém como o autor afirma, o futuro e o resultado dessa transformação mundial é incerto.

Tanto Wallerstein como Arrighi defendem que o poder norte-americano está perdendo forças desde os anos setenta e que sua hegemonia estará encerrada, só depende de tempo para isso, mas que mais cedo ou mais tarde, isso ocorrerá. O poder militar ainda é superior ao de qualquer outra nação mundial, porém a capacidade de utilizar todo esse poder já encontra dificuldades em detrimento das restrições financeiras e da perda de legitimidade interna e externa. (COSTA, 2005).

Arrighi (2008) ressalta que o poder econômico está em processo de deslocamento para a região asiática e, todavia o poder militar permanece no ocidente, com os norte-americanos.

E Wallerstein destaca que as reações do até então presidente George Bush perante o atentado as torres gêmeas, só fez acelerar esse processo declinante.

De um lado Arrighi (2008) especula com a anomalia sistêmica. A anomalia era que, ao invés de financiar a próxima hegemonia, os EUA estão atraindo cada vez mais capital. Ao mesmo tempo, numa crise financeira, como as que ocorreram nos anos 90, e, sobretudo a atual, de proporções gigantescas, “o capital retorna aos seus proprietários”. Então, com a atração de capital e o retorno das instituições financeiras de crédito internacional reformuladas, os EUA poderiam sair fortalecidos da crise atual. Então isso seria um respiro aos americanos?

Pelo outro lado, o autor não diminui a importância da China em protagonizar o fortalecimento das relações Sul-Sul. Com o respaldo chinês foi possível, em especial na América Latina, elevar o poder de barganha internacional e praticar políticas externas mais autônomas, contrapondo pelo menos vinte anos de subordinação irrestrita. E a partir daqui Arrighi defende mais uma vez que uma possível hegemonia chinesa se traduziria em condições mais igualitárias de relações interestatais.

Vieira (2008, p.133) expõe a visão que traduz de Arrighi (2008) onde este está mostrando evidências de que, sob a liderança chinesa, estaria surgindo uma nova ordem internacional, ordem na qual seria mais favorável aos povos do hemisfério sul e por consequência disso para toda a humanidade. Completa dizendo que só será possível essa civilização menos desigual se a China continuar com suas tradições de desenvolvimento baseado no mercado e não a abandonar em favor de um desenvolvimento propriamente capitalista. O fracasso neste caminho poderia transformar a China em um “epicentro de caos social e político”, voltando a abrir espaços para as regiões ocidentais restabelecerem o domínio.

A principal restrição à evolução da China perpassa inexoravelmente pela questão ambiental. O planeta simplesmente não agüenta a elevação do padrão de consumo chinês aos níveis hoje praticados no mundo desenvolvido, seja pela escassez de recursos, seja pela insustentabilidade que provocaria em termos de meio ambiente. Sete das dez cidades mais poluídas do mundo estão no país. Segundo o World Health Organization, a China ultrapassou os EUA no primeiro semestre de 2008 como maiores emissores de CO₂ do mundo. Doenças respiratórias e do coração são a maior causa de morte na China. Metade da população não tem acesso à água potável, 90% das bacias hidrográficas urbanas estão poluídas e chuvas ácidas atingem 30% do país. (ARRIGHI, 2008)

Para enfrentar esse problema, Arrighi também apresenta as medidas que estão sendo tomadas pela China para combater o impacto ambiental de seu crescimento. Estão sendo criadas “cidades-modelo” que almejam a proteção ambiental; florestas estão sendo replantadas; o plano quinquenal 2006-2010 tem como objetivo reduzir em 20% o uso de energia não-renovável.

Arrighi dá indícios de suas crenças e expectativas sobre o desenvolvimento Oriental. Mais do que chegar a conclusões prontas, é relevante realizar grandes questionamentos.

Em resumo, inspirando-se demais no caminho ocidental de consumo excessivo de energia, o rápido crescimento econômico da China ainda não criou para si e para o mundo um caminho de desenvolvimento ecologicamente sustentável. Essa inspiração não só ameaça dar um fim prematuro ao “milagre econômico”, em razão da pressão sobre os recursos já escassos (como ar e água limpos), como também, o que é mais importante, ela é a causa e o resultado da clivagem cada vez maior entre os que têm condições de se apropriar dos benefícios do rápido crescimento econômico e os que têm de pagar o preço por ele. [...] Essa clivagem resultou numa grande onda de agitação popular, qual reclamações ecológicas se agigantaram e provocaram importante reorientação das políticas chinesas para o desenvolvimento mais equilibrado entre as áreas rurais e áreas urbanas, entre as regiões e entre a economia e a sociedade. [...] O resultado final dessa reorientação tem importância fundamental para o futuro não só da sociedade chinesa, como também da sociedade mundial. (ARRIGHI, 2008, p.392-393)

Assim têm-se dois lados distintos. E Arrighi os define da seguinte forma: pelo lado de sucesso da reorientação, conseguindo consolidar as fortes tradições chinesas de desenvolvimento baseado no mercado, de acumulação sem desapropriação, de mobilização de recursos humanos (deixar de lado recursos não-humanos) e de governo com participação e apoio das massas nas decisões, então poderá, a China, contribuir para o surgimento de uma comunidade que respeite de fato as diferenças culturais.

Por outro lado afirma que, se essa orientação fracassar, a China pode se tornar um novo centro de caos político e social, o que assim facilitará as tentativas dos ocidentais do norte de restabelecer um domínio mundial esmagador.

A China tem problemas, não é o país perfeito, das mil maravilhas. Alguns fatores ainda terão que ser revistos pelas autoridades chinesas, como a já citada questão ambiental, que pode representar um ponto chave para a “não hegemonia”. Outro fator importante é a respeito da elevada onda de falsificação dos produtos: o mundo não quer produtos falsos, imitados. Os consumidores desejam adquirir produtos verdadeiros, com a qualidade reconhecida e pagar o preço justo pela marca e “status” real que o produto oferece.

A China, fábrica do mundo, é também o centro do comércio de mercadorias falsificadas, no valor de 250 bilhões de dólares anuais. [...] Uma tendência que parece certa é que à medida que a parcela chinesa do comércio mundial aumentar, também aumentará a produção mundial de mercadorias falsificadas. Segundo a Carratu International³⁴, 9% do comércio mundial é falsificado, mas à medida que a presença da China nos mercados globais se acentuar, esse comércio mais que dobrará antes do fim da presente década. (FISHMAN, 2006, p.257)

A China também está sendo acusada de “roubar” empregos, Krugman afirmou isso recentemente em um artigo publicado no New York Times. “Eu seria dos primeiros a rejeitar as alegações de que a China está a roubar os empregos dos outros, mas neste momento é a verdade nua e crua. Ao manter a sua política de uma moeda fraca, a China retira procura dos outros países, incluindo as nações mais pobres, e aumenta a procura dos seus produtos”. A China, segundo ele, pode estar minando a retomada do crescimento global.

Então esses podem ser outros fatores para o não sucesso da China no futuro? A China realmente se preocupa com o que está fazendo? Essas perguntas infelizmente não podem ser respondidas no momento com convicção.

Por outro lado, a China apresenta uma vantagem quanto ao diferente programa de ascensão. Os governantes chineses ressaltam que o crescimento e a expansão de seu país estão relacionados com a ascensão pacífica, o oposto dos norte-americanos que criaram e transmitiram para o mundo a ascensão bélica. Os chineses estão buscando uma conquista comercial, eles podem até carecer de capital, mas o trabalho é abundante e as mercadorias com tecnologias e muito baratas.

Além disso, os países estão mais cooperativos com a China do que propriamente competitivos. O Japão, por exemplo, está cada vez mais estabelecendo uma forte parceria comercial com seu vizinho asiático.

Como já vimos, o país hegemônico é quem dita a direção, o rumo a ser seguido. Porém, essa nação não pode apenas apresentar força, ser mandante, necessita de consentimento e de confiança dos demais países. E hoje, os Estados Unidos já não tem a mesma moral de antes e já não transmitem tanta confiança para os seus seguidores. A tendência histórica diz que, mesmo os países perdendo a força hegemônica, eles ainda permanecem no centro (sendo rico e importante), isso pode ser, de novo, visto com o exemplo norte-americano. Em suma, estão moralmente desacreditados, mas ainda seguem como sua importância mundial.

³⁴ Importante firma britânica de pesquisas empresariais cuja atividade se centra nos abusos da propriedade intelectual. (FISHMAN, 2006, p.257)

Para Arrighi (2008) esse ciclo atual da hegemonia americana está se esgotando, a lógica capitalista é acumulação de capital e poder. Relata que o epicentro de uma crise se dá no novo centro mundial, ou seja, caso a China surja como nova potência, a grande crise financeira ainda está por vir. E ainda completa dizendo que as crises podem ter um efeito de reorganizadora, não sendo apenas um problema às nações. Pode representar uma oportunidade para alguns e, que às vezes, nem todos sofrem com uma crise.

Na verdade, a questão sobre hegemonia mundial ficará em aberto para as próximas décadas, pois seria muito arriscado agora prever o que aconteceria com a economia global. O futuro chinês é incerto. A China cresceu, se desenvolveu, se modernizou, se reestruturou, mas ainda há obstáculos a serem superados. Os Estados Unidos, por sua vez, passaram por momentos turbulentos e de severos desafios, mas também possuem uma grande força e ainda seguem como destaque no cenário mundial.

O futuro está em aberto. Poderia ser prematuro se referir a um país como uma nova potência hegemônica mundial mesmo a China, por exemplo, apresentando algumas características e uma expansão tão grande nos últimos anos. Caso essa troca no epicentro do mundo ocorra, será a primeira vez nos últimos cinco séculos que o comando do sistema global estaria indo para o Oriente e deixando de lado o Ocidente.

As questões permanecem sem respostas porque o futuro ninguém pode prever. Será a China a nova potência global? Os Estados Unidos permanecerão por mais algumas ou muitas décadas como a nação mais poderosa do mundo? Ou outro país, ao longo dos anos, tentará assumir essa posição? Essas perguntas só serão respondidas com precisão e sem medo de errar, no futuro, seja ele próximo ou distante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim**: origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2008. 432p.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto. Editora UNESP, 1996. 408p.

ATLAS GEOGRÁFICO MUNDIAL. Editora Folha de São Paulo, The New York Times, 1. ed. 1994.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Formação do Império Americano**: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 851p.

BATISTA, NUNO. **O despertar da China**. 2ª Tertúlia. Lisboa, 2001. Disponível em: <http://www.ciari.org/eventos/ter2001/02ter/02tertulia.htm>>. Acesso em: set. 2009.

BENAKOUCHE, Rabah. **Os porquês da hegemonia do dólar**. Disponível em: http://www.gpepsm.ufsc.br/index_arquivos/5.pdf.

CARVALHO, Fernando J. Cardim de. Entendendo a Recente Crise Financeira Global. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA KEYNESIANA. **Dossiê da Crise**. Rio Grande do Sul. 2008. Disponível em: <<http://www.ppge.ufrgs.br/akb/dossie-crise.pdf>>. Acesso em: set. 2009.

COSTA, Jales Dantas da. **Crise da hegemonia ou novo império norte americano? Um confronto entre a Economia Política dos Sistemas-Mundo e a Economia Política do Sistema Mundial**. Florianópolis, 2005. 132f.

CURSO E COLÉGIO ENERGIA. **Apostila de história**. volume 2 e 3. 2008/2009

FERREIRA, Luiz Mateus da Silva. **A industrialização brasileira sob a hegemonia britânica no longo século XIX**. Florianópolis, 2009. 75f.

FIORI, J. L. (1999). De volta à questão da riqueza de algumas nações. FIORI, J. L. **Estados e moedas no desenvolvimento das nações**. Petrópolis: Vozes, pp. 11-46.

FIORI, J. L. Sistema mundial: império e pauperização para retomar o pensamento crítico latino-americano. In: FIORI, J. L. & MEDEIROS, C. A. (Orgs.) **Polarização mundial e crescimento**. Petrópolis: Vozes, pp. 39-76.

FISHMAN, T. C. **China S.A**: como o crescimento da próxima superpotência desafia os Estados Unidos e o mundo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

FOLDVARY, Fred E. **The Depression of 2008**. 2. ed. 2007. Disponível em: <<http://www.foldvary.net/works/dep08.pdf>>. Acesso em: out. 2009.

FURTADO, M. A. Tourinho. **Economia chinesa para principiantes**. Ouro Preto, 2008, 33f.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Wilson Magela et al. **O Gerenciamento da demanda em função da economia de escala, escopo e do composto de marketing em diferentes organizações do setor de lácteos, no Rio Grande do Sul – Um estudo multicaso**. Ribeirão Preto, 2005. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/2/775.pdf>>. Acesso em: out, 2009.

GONTIJO, Cláudio; OLIVEIRA, Fabrício Augusto de. Subprime: **Os 100 dias que abalaram o capital financeiro mundial e os efeitos da crise sobre o Brasil**. Belo Horizonte: CORECON-MG, 2009. 176 p.

GRYZINSKI, Vilma. A novíssima China. **Revista Veja**. p. 106-119, ago. 2006.

JAGUARIBE, Helio. China: Perspectivas e desafio. In: III Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional. **China**. Rio de Janeiro, 2008. p. 329-336.

KRUGMAN, Paul. **A crise de 2008 e a economia da depressão**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. 201 p.

KRUGMAN, Paul. **The New York Times**. New York, 2009. Disponível em: <http://economico.sapo.pt/noticias/krugman-acusa-china-de-roubar-empregos_72637.html>. Acesso em: nov. 2009

LAHÓZ, André; CAETANO, José Roberto. **A China vai conquistar o mundo**. 2005. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/geap/aregiao/noticias/not21.htm>>. Acesso em: out. 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1995.

LANDES, David S. **Prometeu desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até a nossa época**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1994.

LIST, Georg Friedrich. **Sistema nacional de economia política**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1983.

MARTI, Michael E. **A China de Deng Xiaoping**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007

MARTINS, Jayme. A Era Deng, passo a passo. In: III Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional. **China**. Rio de Janeiro, 2008. p. 65-85.

MELLO NETO, Mário Rubens de; ARAÚJO, Victor Leonardo de. **Instabilidade internacional e hegemonia: notas sobre a evolução do sistema monetário internacional**. Disponível em: http://www.uff.br/econ/download/tds/UFF_TD208.pdf.

PUGA, F. P.; CASTRO, L. B. de; FERREIRA, F. M. R.; NASCIMENTO, M. M. **O Comércio Brasil-China: situação atual e potencialidades de crescimento**. Rio de Janeiro: BNDES, Abr. 2004. (Texto para discussão nº 104). Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/td/td-104.pdf>. Acesso em out. 2009.

RIBEIRO, Valéria Lopes. **A China e a economia mundial: Uma abordagem sobre a ascensão chinesa na segunda metade do século XX**. Florianópolis, UFSC, 2008. 142f.

SANDRONI, Paulo (Org.). **Novíssimo Dicionário de Economia**. São Paulo: Best Seller, 1999. 650 p.

SPENCE, Jonathan D. **Em busca da China moderna: quatro séculos de história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TAVARES, M. C. & BELLUZZO, L. G. (2004). “A mundialização do capital e a expansão do poder americano”. In: FIORI, J. L. (Org.). **O poder americano**. Petrópolis, Vozes, pp. 111-138.

UNCTAD. Handbook of Statistics 2006.

VIEIRA, Pedro Antonio. **Textos de economia / UFSC: Resenha Adam Smith em Pequim**. Florianópolis, 2008.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Após o liberalismo: em busca da reconstrução do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O declínio do poder americano**. Contraponto, 2004. 316 p.